



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

VAMOS SER CLAROS?

Guia para escrita de textos acadêmicos

Daniel Dias Afonso

Lucas de Lacerda Ludgero

Orientador: Asdrúbal Borges

BRASÍLIA

2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

VAMOS SER CLAROS?

Guia para escrita de textos acadêmicos

Daniel Dias Afonso

Lucas de Lacerda Ludgero

Orientador: Asdrúbal Borges

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Organizacional.

BRASÍLIA

2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

VAMOS SER CLAROS?

Guia de escrita para textos acadêmicos

Daniel Dias Afonso

Lucas de Lacerda Ludgero

Banca examinadora:

Prof. orientador Dr. Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho

Prof. Dr. Felipe da Silva Polydoro

Prof^a Dr^a. Janara Kalline Leal Lopes de Sousa

Prof. Dr. Elton Bruno Pinheiro

(Suplente)

Brasília, maio de 2021

“Imagine quais seriam os resultados se ampliássemos a qualidade da escrita além do que vemos hoje; imagine se a escrita não fosse apenas ensinada ao longo da carreira de um pesquisador, mas também ensinada com foco no prazer do leitor. Imagine então o impacto que a pesquisa científica poderia ter.”

**Benjamin Freeling, Zoë A. Doubleday
e Sean D. Connella**

AGRADECIMENTOS

Para você, que é o meu primeiro agradecimento, eu não quero agradecer só por este trabalho. Quero agradecer, literalmente, por TUDO. Lud, muito, muito obrigado pela gente, desde o início.

Lembro muito claramente do nosso primeiro dia de aula, de como nos conhecemos. Lembro muito claramente dos trabalhos que a gente fez juntos nessa trajetória. Lembro muito claramente do dia que me chamou para o seu aniversário. Foi aí que eu tive certeza de que éramos amigos, para muito além da faculdade. Lembro, claro, dos momentos que a gente mais precisou estar juntos. E lembro, como se fosse ontem, do dia que a gente teve a ideia desse trabalho, juntinhos.

Desse dia, acima de tudo, eu lembro de pensar: “é, realmente, não tem melhor jeito de encerrar esse ciclo, essa faculdade, a não ser do jeito que começou: junto com o Lud”. E encerramos, né? Encerramos muito bem, aliás. Felizes com o nosso trabalho e felizes um com o outro. Obrigado, amigo!

Também quero muito agradecer a todos aqueles que estiveram comigo nessa jornada que é fazer um ensino superior. Afinal, não é simples. Quero agradecer a quem esteve comigo antes, durante e desde sempre.

- Obrigado aos meus amigos que fiz antes da UnB, quando comecei a minha jornada de graduação na Universidade Católica de Brasília (UCB). Fico muito feliz que continuaram comigo, me apoiando, mesmo eu indo para outra universidade.
- Obrigado aos meus amigos que fiz durante a UnB, em especial a Lucas Sousa, Igor Mesquita e Letícia Antun. É o grupinho que formei na faculdade, que fazíamos todos os trabalhos possíveis juntos porque confiávamos uns nos outros. A diferença é que esse grupinho não ficou só na faculdade. Sou muito feliz por ter a amizade de vocês além disso. E todo o apoio nesse projeto também foi fundamental. Quero agradecer também à Talita de Souza, uma amiga recente

que a UnB e o Lud me proporcionaram. Você nos ajudou muito a segurar a barra do TCC, um anjo.

- E obrigado, claro, à minha família, que me acompanhou desde sempre nessa jornada. Só vocês viram o que foi, para mim, escolher a faculdade e o curso, batalhar para conseguir e, agora, para concluir. Finalmente: mãe, tô formado!!! Pode contar para o pessoal!

Eu não podia deixar de agradecer também às pessoas que foram fundamentais para este trabalho. Edu, muito obrigado pelo projeto gráfico do nosso guia. Confiamos de olhos fechados em você e o resultado não podia ser diferente: o projeto ficou lindo! Lembro de termos quase chorado vendo a primeira versão. E, Jéssica, obrigado por todo o suporte. Você nos ajudou muito, muito mesmo.

Por fim, um grande muito obrigado à nossa Faculdade de Comunicação (FaC), aos nossos professores e, em especial, ao nosso orientador, Asdrúbal. Somos muito gratos pela oportunidade e pela liberdade de fazer esse trabalho, que tanto queríamos. Obrigado por todo o suporte, apoio e pela parceria. Deu orgulho!

Daniel Dias

Obviamente, meu primeiro agradecimento é ao meu mais que amigo e quase irmão, Daniel Dias. Você me deu suporte em momentos sombrios e muito difíceis. Eu sempre digo que a conclusão dessa graduação não aconteceria sem você. E não somente pela ajuda com os trabalhos acadêmicos ou o companheirismo fora da sala de aula, mas por me mostrar que valia a pena viver.

Muito, muito, muito obrigado por sempre me ajudar a colocar luz no que era importante. Eu te disse uma vez e repito aqui: você foi chama, consumiu a poeira, e acendeu a fogueira, que hoje queima e brilha. Você é tudo!

Agradeço também à minha família, aos meus outros amigos que fiz durante essa graduação – em especial Igor Mesquita, Letícia Antun e Lucas Sousa –, aos meus amigos da

vida: Jéssica, Grazi, Talita, Victor, Edu, Thiago, Amanda, Júlio, Victinho, Joe e Portela e aos meus colegas de trabalho.

Quero agradecer também ao nosso orientador, Asdrúbal Borges, por ter acreditado nesse trabalho e se empenhado para que ele se tornasse realidade, estando sempre disponível e atento às nossas observações.

Lucas Ludgero

RESUMO

Este trabalho é para pesquisadores(as) que estão com dificuldade para escrever um texto acadêmico claro. Como proposta para ajudar a solucionar esse problema, criamos um guia com técnicas de redação que podem tornar a linguagem e a estrutura desses textos mais simples e compreensíveis. Para a construção desse material, realizamos entrevistas, *surveys* e *benchmarking*. A pesquisa discute: as dificuldades para escrita e compreensão de textos encontradas por estudantes da graduação e pesquisadores da pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB); o processo de se comunicar como uma tentativa; como a Academia aborda e debate a escrita e a compreensão de textos acadêmicos; o que são as técnicas de redação Linguagem Simples e *UX Writing*, e como elas podem ser aplicadas em textos acadêmicos para torná-los mais claros. Com este trabalho, esperamos expandir o uso da Linguagem Simples e do *UX Writing* para fora do mercado de comunicação e tecnologia. Nossa expectativa é que as recomendações sejam colocadas em prática pelos pesquisadores(as).

Palavras-chave: escrita acadêmica; Linguagem Simples, *UX Writing*; comunicabilidade; compreensão.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PROBLEMA DA PESQUISA	13
3. JUSTIFICATIVA	14
Objetivo geral:	15
Objetivos específicos:	15
5. REFERENCIAL TEÓRICO	16
5.1 As tentativas para ser compreendido	16
5.2 A Academia discute a escrita e compreensão de textos acadêmicos?	18
5.2.1 Para entender por que a linguagem rebuscada é tão utilizada	18
5.2.2 Para quem o(a) pesquisador(a) escreve?	25
5.2.3 O que significa discutir a clareza de textos na Academia	26
5.2.4 O que pesquisadores da escrita acadêmica recomendam para um texto claro	32
5.3 Linguagem Simples não é simplória	35
5.4 O <i>UX Writing</i> : mais fácil do que o nome	37
6. METODOLOGIA	41
6.1 As <i>surveys</i>	41
6.3 A busca por um bom formato	44
7. O GUIA	46
7.1 Proposta	46
7.2 Público-alvo	46
7.3 Diagnóstico	47
7.3.1 Da <i>survey</i> para estudantes	48
7.3.2 Da <i>survey</i> para pesquisadores	53
7.3.3 Comparativo entre a <i>survey</i> para estudantes e a <i>survey</i> para pesquisadores	61
7.3.4 Da entrevista com Bruno Rodrigues	66
7.3.5 Da entrevista com Heloisa Fischer	68
7.4 Planejamento e cronograma	72
7.4.1 Resumo	72
7.4.2 Planejamento completo:	73
7.5 Formato	73
7.6 Identidade Visual	75
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77

REFERÊNCIAS	79
ANEXOS	82
Anexo A – Roteiro da entrevista com Bruno Rodrigues	82
Anexo B – Roteiro da entrevista com Heloísa Fischer	83

1. INTRODUÇÃO

“Acredito que a leitura deve ser, antes de tudo, um prazer.” A frase não é nossa, mas de um dos nossos entrevistados, que também é referenciado neste trabalho. Apesar de não ser de nossa autoria, concordamos bastante com a afirmação. Não podemos afirmar, no entanto, que tenha sido um prazer diversas leituras de textos acadêmicos que realizamos ao longo do nosso período na universidade.

Frases longas, intercaladas, parágrafos imensos, conceitos mal ou não explicados, uso de palavras pouco familiares... Essas são algumas das barreiras com as quais normalmente nos deparamos durante a leitura de textos acadêmicos.

Neste trabalho, entendemos como texto acadêmico os trabalhos produzidos no âmbito da Academia, como artigos acadêmicos, monografias, memoriais, dissertações e teses. Nos questionamos: há caminhos para melhorar a compreensão de textos dessa natureza? É uma característica do gênero ser de difícil leitura e quem precisa lê-los é que deve ser letrado para compreender?

Primeiro, precisamos esclarecer algumas decisões metodológicas. Dada a quantidade de áreas do conhecimento e a pluralidade de perfis dos potenciais leitores dos trabalhos produzidos nessas áreas, definimos que os públicos pesquisados neste trabalho seriam estudantes de graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e pesquisadores e pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade de Brasília (UnB).

Em seguida, partimos para a revisão da literatura sobre escrita e compreensão de textos acadêmicos. Tínhamos consciência de que não éramos os primeiros a abordar a questão, mas era necessário compreender em que fase está a discussão. Conscientes de que não navegávamos sozinhos nesse debate, partimos para a compreensão das dificuldades dos públicos recortados por meio das *surveys*.

Dando continuidade ao trabalho, selecionamos duas técnicas que poderiam ser úteis para a nossa proposta: a Linguagem Simples e o *UX Writing*. A primeira “é um conjunto de

práticas que facilitam a leitura e a compreensão de textos” (PIRES, 2017, p. 10). Geralmente é utilizada para facilitar o entendimento de cidadãos sobre informações públicas.

A segunda, inicialmente, precisa ser traduzida para o nosso idioma. *UX* significa *User Experience*. Em português: experiência do usuário. *Writing* é o ato de escrever. Logo, *UX Writing*, como explica Rodrigues (2019), é a “escrita voltada para a experiência do usuário” (p. 36). Para nos certificarmos de que as técnicas poderiam ser aplicadas em produções acadêmicas, entrevistamos profissionais de reconhecimento nacional em cada um dos assuntos.

Munidos de todo esse conhecimento, iniciamos o nosso produto: um guia de escrita acadêmica direcionado a pesquisadores e pesquisadoras da pós-graduação em Comunicação que desejam que seus textos sejam lidos e compreendidos por estudantes de graduação da mesma área. Limitamos os públicos devido aos recortes realizados para a pesquisa, mas acreditamos que muitas sugestões também podem ser úteis para pesquisadores de outras áreas.

No Guia, esclarecemos, de imediato, o que o leitor pode esperar do material. Lembramos que não é um guia sobre ABNT, uma vez que esse aspecto está ligado à formatação, e não à linguagem ou à estrutura dos textos. Ressaltamos que tornar o texto simples não significa deixá-lo simplório. E salientamos quais são as expectativas dos leitores pesquisados ao terem contato com textos acadêmicos.

A maior parte do trabalho é dedicada às sugestões de como tornar as produções acadêmicas mais compreensíveis com o uso da Linguagem Simples e do *UX Writing*. Delimitar a quantidade de palavras em uma frase ou orientar o leitor sobre o que já foi abordado no texto são algumas delas. Por fim, apresentamos ferramentas para medir a compreensão de textos e referências de bons trabalhos acadêmicos, de acordo com a opinião dos respondentes da nossa *survey*.

É importante ressaltar aqui o que entendemos como linguagem rebuscada e linguagem científica. Os dois termos não são tratados como sinônimos neste trabalho. Nossa hipótese é a de que é comum que textos acadêmicos — produzidos com a linguagem científica — normalmente são rebuscados desnecessariamente. Estudiosos da área também observam esse fenômeno e os resultados das nossas *surveys* também nos dão evidências nesse sentido. Nossa proposta é que as recomendações apresentadas aqui evitem essa prática de escrever rebuscado, o que pode comprometer a compreensão dos trabalhos acadêmicos.

Esperamos que o “*Vamos ser claros? Guia para escrita de textos acadêmicos*” seja útil para todos aqueles e aquelas que produzem trabalhos acadêmicos. Que eles e elas não deixem de utilizar as recomendações por receio de afetar o teor acadêmico do trabalho. E mais do que aplicar uma técnica pontualmente, a mensagem principal desse trabalho é: se preocupem com a experiência que o leitor vai ter com o texto e não se esqueçam que chique não é a escrita rebuscada. Chique é entender!

2. PROBLEMA DA PESQUISA

Um incômodo presente em nossas trajetórias na universidade era uma dificuldade persistente em compreender textos acadêmicos da nossa área, a Comunicação Social. Depois de ler mais de uma vez, fazíamos um exercício de explicar um para o outro o que entendemos e era frequente chegarmos à conclusão: então bastava o autor ou a autora ter escrito da maneira mais clara que o colega me explicou que teria entendido na primeira leitura que fiz?

Em conversa com outros colegas de curso, observamos que a dificuldade também se apresentava para eles. Então algumas perguntas começaram a nos inquietar, como as apresentadas a seguir.

1. Por que as produções acadêmicas da nossa área – que, via de regra, deveriam ser referência na habilidade de comunicar e transmitir uma mensagem – são difíceis de compreender entre estudantes da graduação em Comunicação?
2. Por que a linguagem de textos acadêmicos, frequentemente, é tão rebuscada? É uma característica do gênero, um hábito que se convencionou ou uma forma de transmitir credibilidade?
3. Como podemos contribuir para demonstrar que há caminhos possíveis para construção de textos mais claros e compreensíveis?

Buscamos respostas para essas perguntas por meio das *surveys*, revisão de literatura e entrevistas. Respondidos esses pontos, surge nossa principal questão: **podemos tornar textos acadêmicos da pós-graduação em Comunicação mais compreensíveis para graduandos da área, com o uso de técnicas como Linguagem Simples e UX Writing?**

3. JUSTIFICATIVA

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2018, indica que: “Cerca de 50% dos brasileiros não atingiram o mínimo de proficiência [em leitura] que todos os jovens devem adquirir até o final do ensino médio”.

O número nos permite considerar que metade dos estudantes que finalizam o ensino médio no Brasil **não demonstram a capacidade de usar suas habilidades de leitura para adquirir conhecimento**. Isso significa que, ao ler textos mais complexos, terão dificuldade para absorver o conhecimento. São justamente esses estudantes recém-formados no ensino médio que vão ingressar em universidades e ter contato com textos acadêmicos, produções que geralmente possuem uma estrutura bastante diferente daquelas com as quais o estudante teve contato no período escolar.

Não retiramos do Estado a responsabilidade pela melhoria das condições de instrução da população. No entanto, diante dessa informação e desse cenário, parece pertinente propor que a linguagem e a estrutura de produções acadêmicas que tem, entre seus públicos-alvo, estudantes de graduação, devem ser construídas considerando as possíveis limitações daqueles estudantes para compreensão de textos dessa natureza.

Nossa preocupação não decorre somente disso, mas também do fato de haver um cenário de insatisfação com a escrita e a compreensão de textos acadêmicos na própria Academia. Há autores e autoras que já discutem a questão na comunidade e que estão referenciados neste trabalho. Além disso, vale destacar dois resultados das *surveys* que aplicamos junto a estudantes e pesquisadores em Comunicação da Universidade de Brasília. Dos estudantes que responderam ao questionário, 97% afirmaram que já tiveram dificuldade para entender um texto acadêmico. Dos pesquisadores, mais da metade afirmou que a linguagem excessivamente formal foi um obstáculo para a compreensão de um trabalho acadêmico.

Sendo assim, é importante propor soluções para que esse texto possa ser mais facilmente entendido, sem que se perca a complexidade dos assuntos abordados na universidade. No Guia, produto deste trabalho, propomos técnicas que podem ser úteis e

também sugerimos que os estudantes passem por um letramento acadêmico no momento do ingresso na universidade. Não podemos nos esquecer de que esses estudantes serão, possivelmente, futuros pesquisadores e pesquisadoras.

4. OBJETIVOS

Objetivo geral:

Elaborar um guia com propostas técnicas para tornar textos acadêmicos de pós-graduandos em Comunicação mais claros, simples e compreensíveis para graduandos da área.

Objetivos específicos:

- Entender quais são as dificuldades para escrita e compreensão de textos acadêmicos;
- Fortalecer a discussão sobre a escrita e compreensão de textos na Academia;
- Contribuir para evolução, aplicação e expansão das técnicas de *UX Writing* e Linguagem Simples no Brasil, para além do mercado de comunicação e tecnologia.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 As tentativas para ser compreendido

Comunicar-se por meio da escrita é um desafio para muitos e muitas. Comunicar-se e ser entendido, então, torna a ação ainda mais difícil. Nossas interações via aplicativos de mensagens instantâneas nos dão provas diárias das mais variadas possibilidades de ruídos nas tentativas de expressão por meio da escrita. Se nos deparamos com essas barreiras em interações simples e cotidianas, parece-nos interessante e provocativo refletirmos sobre como esses obstáculos na comunicação se apresentam em textos que exigem ainda mais empenho para compreendê-los, como são os textos acadêmicos.

A dificuldade de um texto “não é algo apenas do texto, mas, sim, e, sobretudo, também do leitor e das condições que ele tem” (Finatto et al., 2016, p. 143). Sendo assim, entendemos que a compreensão de uma mensagem é um processo que demanda esforços – passados ou presentes – do emissor e do receptor. Depende do empenho de quem escreve – o emissor – para ser compreendido e de identificar para quem escreve, mas também exige do leitor – o receptor – uma análise prévia de quais são as suas limitações para compreensão daquele texto.

Ao estendermos essa relação de emissor e receptor para o ambiente acadêmico, queremos destacar que produtores de conhecimento científico devem, certamente, ter clareza do público para quem escrevem. É compreensível e aceitável que utilizem a linguagem científica para os pares. No entanto, se querem se comunicar com o público externo, é importante se atentarem para as recomendações apresentadas neste trabalho.

Da mesma maneira, os receptores desse conteúdo precisam identificar quais são suas limitações para compreensão de textos acadêmicos. Vale se questionar: tenho as leituras suficientes para assimilar os termos empregados neste trabalho? Estou me concentrando o suficiente para entender? É necessária uma familiarização com o gênero para que a leitura se torne mais agradável, seja proveitosa e realmente agregue conhecimento.

É importante esclarecer como ocorre esse processo comunicacional, porque, como argumenta Braga (2011), depois que o receptor se apropria da mensagem que foi repassada, ele “pode sempre repor no espaço social suas interpretações” (p. 68). Isso reforça a necessidade de escrever para ser compreendido, uma vez que, ao ser posteriormente mencionado pelo leitor, é

um desejo do autor que as interpretações desse receptor estejam alinhadas com o conhecimento que ele, de fato, quis transmitir por meio do texto acadêmico.

Isso foi uma preocupação, por exemplo, dos teóricos da comunicação, segundo Rodrigues (2021). Para ele, esses pesquisadores perceberam que estavam se comunicando em um mundo cada vez mais interligado. Por isso, a linguagem passou a ser mais “mastigada”, pelo interesse dos teóricos de serem mais lidos e entendidos. Como exemplo, Rodrigues cita o teórico Umberto Eco.

Formiga Sobrinho e Glăveanu (2017), ao discutirem como a hierarquia pode facilitar ou restringir a criatividade e a comunicabilidade, podendo assim dificultar mudanças na cultura de uma organização, explicam que “numa perspectiva sociocultural e semiótica, a comunicação refere-se aos diálogos entre pelo menos duas pessoas, diálogos que dependem primeiro da compreensão mútua dos códigos utilizados”¹ (p. 179). Portanto, além da preocupação com o processo comunicacional mencionado aqui, também é importante utilizar códigos que possam ser entendidos pelo leitor em diferentes níveis.

Formiga Sobrinho e Glăveanu (2017, pp. 180-181) nos propõem quatro níveis de comunicabilidade:

- Primeiro: consiste no apelo à autoridade ‘superior’ da verdade científica, de imperativos morais, de dogmas religiosos, etc.. com base no uso de meios coercitivos e retóricos;
- Segundo: não recorre à autoridade, mas busca uma comunicação mais aberta ao diálogo convida o público a refletir para além do que está sendo comunicado.
- Terceiro: ocorre o compartilhamento não apenas de informações, mas também de emoções. Os parceiros de comunicação estão mais abertos a entenderem um ao outro, o que pode levar a novos significados.
- Quarto: cenário mais propício para que a criatividade seja explorada, com o objetivo de mudar os significados estabelecidos ao ampliar as possibilidades de interpretação.

Considerando as características de cada nível e o contexto da produção de textos acadêmicos, acreditamos que os pesquisadores devem situar seus trabalhos nos níveis 2 e 3 de

¹ Tradução livre feita pelos autores deste trabalho. Qualquer citação posterior de textos escritos em outro idioma também terá tradução livre, realizada pelos autores. Trecho original da citação marcada: *In a sociocultural and semiotic perspective, communication refers to dialogues between at least two people, dialogues which depend first on the mutual understanding of the codes used*”.

comunicabilidade – buscando termos e estruturas textuais que facilitarão o diálogo. Braga (2012), salienta que “só posso acolher, em boa consciência e autonomia, aquilo que minimamente compreendo” (p. 32). Dessa maneira, ao manter a comunicabilidade no nível 1, o pesquisador limita a compreensão dos seus textos. Afinal, podem ser empregados determinados códigos cujo significado apenas o pesquisador ou um número pequeno de indivíduos conhece.

No entanto, também como nos ensina Braga (2012), “a comunicação é algo tentativo” (p. 31). Não temos certeza de que seremos compreendidos e nem controle absoluto da comunicação. O que não se pode negar é que “os participantes sociais estão sempre tentando alguma coisa por suas interações (inclusive se comunicar)” (BRAGA, 2012, p. 36). Logo, não devemos deixar de tentar ser compreendidos, mas buscar códigos comuns entre nós e nossos leitores e encontrar maneiras práticas de aplicá-los na construção do texto.

5.2 A Academia discute a escrita e compreensão de textos acadêmicos?

Ao refletirmos sobre escrita e compreensão de textos acadêmicos para construir o nosso projeto, alguns questionamentos-chave nos surgiam:

- 1º: Há alguma origem para a linguagem rebuscada de alguns textos acadêmicos que encontramos durante a nossa graduação? Existe algum histórico sobre isso? Quais os possíveis motivos que levam alguns pesquisadores a escrever dessa forma?
- 2º: Quem é o público dos textos acadêmicos? No momento de escrever, pesquisadores também devem considerar estudantes de graduação como possíveis leitores?
- 3º: A clareza de textos acadêmicos já é um tópico discutido na Academia?
- 4º: É possível escrever de forma mais simples e clara na Academia? Se sim, como? Já existem recomendações para isso?

E, na busca por respostas dentro da própria Academia, encontramos referências que já discutem esses temas e nos ajudaram a esclarecer essas questões.

5.2.1 Para entender por que a linguagem rebuscada é tão utilizada

É difícil definir exatamente quando parte dos pesquisadores começou a escrever os textos de suas pesquisas de maneira mais rebuscada. Ainda mais na área de Comunicação.

Porém, adotando como exemplo a Sociologia, é possível que pesquisadores dessa área tenham começado a se preocupar com o estilo de seus textos porque, em certa época, os sociólogos perderam *status* na sociedade, inclusive entre intelectuais. Essa necessidade de prestígio os levou a passar a escrever textos tão rebuscados que beiravam o inteligível.

Esse é um exemplo dado pelo sociólogo Charles Wright Mills (1982). E, apesar de o autor não especificar a época exata em que isso aconteceu, a necessidade de manter um *status* é um dos possíveis aspectos que outros autores também citam como razão para que pesquisadores escrevam textos de forma mais rebuscada, como veremos mais adiante.

Outra possível origem para a linguagem rebuscada em textos acadêmicos está relacionada a uma transição histórica: o momento em que pesquisadores deixaram de ser classificados como eruditos e passaram a ser considerados intelectuais. Isso aconteceu entre o final do século XIX e a metade do século XX.

Antes dessa transição, os produtores de conhecimento eram chamados de eruditos, como explica Júnior (2005), professor da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Seus trabalhos eram descritos como desinteressados, despreocupados, realizados “por puro prazer ou deleite pessoal, para a satisfação da vontade de saber de uma única pessoa, para a ilustração e a construção de um *status* pessoal à parte dos demais” (p. 46). Os trabalhos dos eruditos eram guiados por perspectivas individuais; não existia uma preocupação coletiva.

Porém, como o próprio autor relata, a sociedade burguesa e a nova etapa do capitalismo passaram a demandar um novo tipo de produtor de conhecimento. Alguém que trabalhasse além do individual e estivesse preocupado também se o que produzia era útil para a sociedade. Esse é o intelectual.

A partir disso, surge o questionamento: será que, mesmo com essa transição, ainda existem resquícios de um pensamento erudito na Academia? Um pensamento individualista, elaborado sob uma única perspectiva e produzido para satisfação pessoal, sem preocupação

com o outro? E, ainda, será que esses resquícios se refletem também nos textos acadêmicos, de modo que se escreva somente para o autor entender, sem consideração pelo leitor?

É nesse sentido que a transição entre eruditos e intelectuais passa a ser uma possível origem para a linguagem rebuscada de alguns textos acadêmicos.

Mas, afinal, se pudéssemos elencar possíveis motivos para que textos na Academia sejam escritos, muitas vezes, de maneira mais erudita, quais seriam? O que pode justificar isso, além do histórico e de possíveis origens?

Como já visto no exemplo de Mills (1982) sobre a Sociologia, a preocupação de determinados pesquisadores com a própria imagem dentro do cenário acadêmico é um desses possíveis motivos. É provável que muitos utilizem a linguagem rebuscada como um meio de obter mais prestígio e *status*.

O sociólogo americano Howard S. Becker (2007), por exemplo, provou essa preocupação na prática. Durante um curso de redação para estudantes de pós-graduação que ministrou, Becker propôs um exercício para os seus alunos: treinar a revisão e reescrita de seus textos. Para demonstrar como fazer isso, ele utilizou o rascunho de um artigo que uma colega estava desenvolvendo.

Nesse exercício, o sociólogo buscou simplificar o texto sem prejudicar a ideia que estava sendo desenvolvida. E isso não inclui substituir termos específicos da sociologia, mas trocar “redundâncias, ‘palavras bonitas’, expressões pomposas” (BECKER, 2007, p. 17), como substituir “a maneira pela qual” por um simples “como”, nas palavras do autor.

Com isso, Becker e seus alunos concluíram que sociólogos escreviam em um tom acadêmico como uma tentativa de dar mais peso e corpo (relevância) para seus textos.

Mas esse não é o único motivo que Becker (2007) aponta para acadêmicos escreverem com uma linguagem rebuscada. Para o autor, isso também está relacionado a uma necessidade que muitos intelectuais possuem de se diferenciar das pessoas leigas da sociedade. Nesse sentido, usam a linguagem como uma forma de se colocarem como “sofisticados, conhecedores do mundo, finos e inteligentes” (p. 38).

Além disso, para o sociólogo, muitos utilizam um tom acadêmico em seus textos porque “gostam de parecer muito bem-informados, aqueles sabidos com ‘informações privilegiadas’

que as pessoas comuns terão de esperar até a semana seguinte para ler no jornal. Os especialistas em assuntos...” (BECKER, 2007, p. 38).

Todos esses motivos demonstram uma preocupação do pesquisador com a sua imagem (se tem *status* e prestígio, se o que escreve tem relevância, se os outros o enxergam como alguém que tem domínio sobre determinado tema). Porém, o uso da linguagem rebuscada em textos acadêmicos também pode estar relacionado a:

- questões inconscientes dos pesquisadores;
- demandas do próprio conteúdo;
- problemáticas dentro da Academia;
- particularidades do processo e rotina do pesquisador; e
- questões sociais e emocionais de quem escreve.

Os autores e autoras citados em seguida nos ajudam a entender cada um dos tópicos listados.

Sword (2008), uma das maiores referências mundiais em estudos sobre escrita acadêmica, explica que pesquisadores, muitas vezes, escrevem do jeito que escrevem por puro hábito. Para a autora, isso tem relação com a ideia de que seres humanos são culturalmente programados para imitar o comum (2017). Sendo assim, dentro da Academia, pode ser comum observarmos os outros ao nosso redor escrevendo com uma linguagem mais rebuscada e, por isso, também escrevemos da mesma forma.

E essa reprodução de uma maneira de escrever na Academia também tem relação com a falta de questionamento e crítica sobre a linguagem de textos acadêmicos por parte dos próprios pesquisadores. Como nos explicam os pesquisadores Figueiredo e Bonini (2010):

As perguntas relativas à estrutura dos gêneros acadêmicos e ao papel da norma, principalmente, não mostram sinais de criticidade com relação à forma como os gêneros estão postos dentro da comunidade discursiva acadêmica, como são criados e como são avaliados. Não há menção à possibilidade de negociação das convenções, nem reflexão crítica sobre sua origem e funcionamento (p. 441).

Além disso, ainda sobre as questões inconscientes que nos fazem escrever de forma rebuscada, existe a maldição do conhecimento. Segundo Pinker (2014), psicólogo e linguista canadense, esse é um grande motivo para bons estudiosos escreverem prosas ruins.

De acordo com o autor, a maldição do conhecimento está relacionada ao fato de que os pesquisadores estão tão inseridos nos temas em que são especialistas que esquecem que seus leitores podem não ter o mesmo conhecimento. Dessa forma, não se preocupam em explicar termos específicos da área, nem lógicas ou detalhes importantes por trás do texto, pois inconscientemente consideram que todos que irão ler possuem o mesmo nível de conhecimento.

Pinker (2014) também traz um contraponto a motivos que já discutimos aqui, como a possibilidade de pesquisadores escreverem de modo rebuscado para terem mais prestígio, *status* ou relevância. O autor conta que conhece muitos estudiosos que não têm necessidade de impressionar com uma linguagem rebuscada, pois já realizam trabalhos inovadores sobre assuntos importantes e raciocinam bem sobre ideias claras.

Mesmo assim, seus textos ainda são rebuscados. Por quê? Segundo o autor, a resposta mais popular, dentro da Academia, é que a escrita mais difícil é inevitável por conta da complexidade e abstração do assunto abordado. Esse motivo também conversa com algo que Sword (2008) traz, ao afirmar que alguns escritores na Academia realmente acreditam que o assunto que tratam em seus textos demanda uma linguagem rebuscada.

E por que pesquisadores acreditam nisso? É possível que tenha relação com algumas preocupações que esses estudiosos possuem, apontadas por Finatto, Evers e Stefani (2016). As autoras explicam que muitos têm receio de soarem menos sérios ao não rebuscarem seus textos, além de terem medo de que práticas como a substituição de termos, como Becker realizou no seu exercício, por exemplo, possam distorcer o que se quer dizer originalmente.

Todos esses autores já abordados também acreditam que a escrita rebuscada pode estar ligada a problemáticas dentro da própria Academia. Pinker (2014), por exemplo, conta que há um senso comum de que pesquisadores escrevem mal porque as revistas e jornais acadêmicos exigem textos com linguagem mais pesada como uma prova de sua seriedade.

No mesmo sentido, Sword (2008) relata que alguns pesquisadores são, inclusive, informados por editores e supervisores desses canais acadêmicos de que o texto de uma pesquisa séria precisa ser escrito com linguagem impessoal. E isso mesmo quando muitos cientistas relevantes escrevem textos em primeira pessoa com total liberdade hoje.

Sword (2012) também aponta que o uso de jargões na Academia, por exemplo, é como uma forma de pesquisadores se sentirem parte da comunidade, serem aceitos, respeitados e reconhecidos por seus pares. Ao falar sobre isso, ela recorda de um seminário durante seu doutorado em literatura comparada, no qual utilizou um jargão específico da área e, de imediato, recebeu a aprovação de seu professor e percebeu a inveja de seus colegas.

É clara a valorização de uma linguagem difícil na Academia. Nós mesmos percebemos isso no nosso dia a dia como estudantes de graduação de Comunicação. Becker (2007) também aborda isso, ao relatar uma percepção de pós-graduandos com os quais teve contato sobre a linguagem acadêmica.

Segundo o autor, muitos estudantes escreviam de maneira rebuscada, inacessível e difícil porque acreditavam que, se fugissem desse tipo de escrita, não conseguiriam admiração nem aceitação na Academia. Muitos também relatavam que se consideravam péssimos escritores quando seus textos eram entendidos por pessoas de fora da Academia. Além disso, acreditavam que, se não escrevessem com uma linguagem rebuscada, estariam diminuindo suas chances futuras de serem respeitados pela elite científica e até de ocupar posições mais altas dentro da hierarquia acadêmica.

E esse sentimento de que, para fazer parte da Academia e alcançar sucesso no meio, é necessário utilizar uma linguagem rebuscada, é algo que vem desde a graduação. Como comentam, novamente, Figueiredo e Bonini (2010):

Os membros seniores da comunidade criam e alteram gêneros, e imprimem nesses gêneros as ideologias, normas e convenções de seu grupo social. Por outro lado, os membros aprendizes, ou juniores, da comunidade tendem a utilizar os gêneros sancionados de forma tradicional, reproduzindo padrões linguísticos, retóricos, discursivos e ideológicos. Essa 'reprodução' de gêneros funciona como uma forma de ingresso à comunidade (p. 420).

Sword (2017) também aponta como uma problemática da própria Academia que colabora para uma escrita rebuscada o fato de que, na maioria das universidades do mundo, os alunos da pós-graduação recebem pouco ou nenhum treinamento formal para desenvolver habilidades de escrita. E, quando recebem, raramente são abordadas questões como a necessidade de evitar jargões.

Além de todas essas questões dentro da Academia, Sword (2009) explica que algumas particularidades do próprio processo e da rotina do pesquisador podem colaborar para que escrevam em uma linguagem mais rebuscada. Segundo a autora, a pressão por produtividade e a falta de tempo são exemplos dessas particularidades.

Segundo a autora, uma escrita acadêmica com mais estilo favorece o leitor, enquanto uma escrita tediosa favorece o escritor. Isso porque, já que os salários e as carreiras na Academia dependem de sua produtividade, os pesquisadores tendem a escrever o mais rápido possível, sem edição e sem dedicar tempo para aperfeiçoar o texto. Além dessa consequência, acreditamos também que a pressão por produtividade pode prejudicar a relevância acadêmica do texto.

Todo esse contexto favorece o surgimento de frases confusas e volumosas em alguns textos acadêmicos. E o uso de jargões surge, inclusive, como uma maneira de economizar uma sequência complicada de pensamento, que demandaria mais texto para ser explicada, em uma única palavra.

Por fim, Sword (2017) também aponta outro motivo que pode colaborar para que a escrita rebuscada exista na Academia e, principalmente, para que ela se perpetue: questões sociais e emocionais estão diretamente ligadas ao sucesso ou não da escrita acadêmica.

A autora explica que a maioria da literatura sobre o tema foca em questões como o comportamento e a habilidade do pesquisador para escrever melhor. Por exemplo: quando e onde escrever, quanto tempo dedicar, estrutura do argumento, entre outros pontos.

Dessa forma, outras questões sociais e emocionais que impactam na escrita são deixadas de lado. Como para quem os pesquisadores escrevem e por que, como acadêmicos, podem apoiar uns aos outros na escrita, além de como superar sentimentos negativos que dificultam a escrita, como ansiedade, frustração e medo.

Todas essas questões, além das outras discutidas nesta parte, podem colaborar para a existência de textos mais complicados na Academia.

5.2.2 Para quem o(a) pesquisador(a) escreve?

Considerar para quem se direciona o texto acadêmico é uma maneira de adequar a linguagem do texto, pensando nos termos utilizados e a forma de apresentá-los para quem vai lê-lo. É o que defendem os pesquisadores Cervo, Bervian e da Silva (2017).

E, para eles, um texto acadêmico se direciona, ao mesmo tempo, para dois públicos diferentes: o público interno, dentro da própria Academia, e o público externo, de fora da Academia.

O autor, ao redigir o trabalho final, para apresentar os resultados de seu trabalho de pesquisa, precisa ter em mente que está escrevendo para dois públicos distintos. Um pode ser chamado de público interno, pertencente às comunidades técnicas, acadêmicas e científicas, composto de pessoas que também fazem pesquisa e que também escrevem. O outro é o público externo, composto, não necessariamente, mas inclusive, de leigos, que podem ter interesse pelo assunto ou necessidade de leituras do gênero, mas que não dominam ou nem precisam dominar a linguagem técnica, acadêmica e científica (CERVO; BERVIAN; DA SILVA; 2017, p. 109).

É possível relacionar essa visão dos autores com os conceitos de comunicação científica e de divulgação científica, inclusive. Como explica Bueno (2010), a comunicação científica é destinada a pares dentro da própria Academia, especialistas que fazem parte da comunidade científica. Seria, então, o público interno do conhecimento acadêmico, descrito acima. Já a divulgação científica é feita para o público externo, composto por leigos, pessoas que não estão familiarizadas com as discussões científicas.

Sendo assim, é possível afirmar que o público interno e alvo da comunicação científica inclui estudantes de graduação. A partir da fala dos autores, esse público domina ou precisa dominar a linguagem científica, ao contrário do público leigo.

É aceitável, então, escrever um texto mais rebuscado, com termos mais específicos da área, por que estudantes de graduação e outros pesquisadores irão lê-lo? Ter em mente que o público interno da Academia tem mais familiaridade com a linguagem acadêmica, pois também

fazem pesquisa e escrevem) é suficiente para atribuir uma escrita mais técnica e rebuscada a textos acadêmicos? São questionamentos que fazemos sobre essa referência.

Vamos trazer outra visão para ajudar a entender essa questão. Para responder sobre para quem se escreve na Academia, Pereira (2013), doutor em educação, defende que é importante não somente considerar um leitor definido, específico, mas também um possível leitor. Segundo o autor, este seria alguém que “ainda não está lá para ler, tanto no sentido de alguém que ainda-não existe porque não nasceu como alguém que ainda-não chegou ao campo ou não acedeu àquele lugar de interlocutor desse texto” (PEREIRA, 2013, p. 214).

Se, ao escrever um texto acadêmico, devemos também considerar um leitor que não sabemos definir quem é exatamente, considerando sua familiaridade com o tema e conhecimento de termos e conceitos específicos da área. Podendo ser qualquer pessoa, não deveríamos buscar simplificar a linguagem, para que assim o texto possa ter mais chances de ser compreendido por mais pessoas?

E, a partir disso, estudantes de graduação são, ao menos, considerados como possíveis leitores por pesquisadores? Se sim, como pesquisadores podem adequar a linguagem do texto acadêmico para estudantes, se os dois fazem parte do público interno e, teoricamente, entendem a linguagem técnica, acadêmica e científica? Aliás, ambos se entendem facilmente, mesmo em níveis diferentes dentro da Academia? E entre acadêmicos da mesma área, apenas isso é suficiente para que se compreendam?

5.2.3 O que significa discutir a clareza de textos na Academia

Essa discussão começa a partir do momento em que se percebe as consequências que textos acadêmicos rebuscados trazem, tanto para seus leitores, quanto para a Academia em si.

Para Becker (2007), essa linguagem rebuscada causa uma diferenciação entre quem escreve e quem lê, pois atribui uma superioridade aos acadêmicos. Para o autor, “se escrevemos com classe, mostramos que somos, de modo geral, mais inteligentes do que os seres comuns, temos sensibilidade mais refinada, entendemos coisas que eles não entendem (...)” (p. 38).

Todo esse contexto torna textos acadêmicos arrogantes e soberbos, afastando e diminuindo seus leitores (PEREIRA, 2013).

Além disso, a partir do momento em que pesquisadores procuram se mostrar como especialistas em assuntos por meio da linguagem em seus textos, utilizando termos específicos da área e jargões, alguns leitores se sentem obrigados a aceitar os argumentos, sem questioná-los. Afinal, “como alguém que sabe tudo aquilo poderia estar errado?”, pergunta Becker (2007, p. 39), se colocando no lugar desse leitor.

O que muitos leitores não sabem é que, às vezes, os próprios escritores utilizam termos e conceitos específicos da área, de forma equivocada. Alguns podem, inclusive, utilizar palavras técnicas sem ter consciência de seu uso correto e preciso, que corresponda ao seu significado original.

Em um estudo feito por Sword (2012), por exemplo, a autora analisou sete artigos que faziam referência aos trabalhos de Michel Foucault, utilizando termos como foucaultiana(o). Porém, somente dois deles realmente tinham relação com os trabalhos do autor. Portanto, ao invés de termos específicos da área serem utilizados como uma maneira de facilitar o entendimento objetivo sobre uma ideia entre especialistas, acabam sendo empregados com significados diferentes a partir da visão do autor.

E quando o emprego de termos específicos de uma área, como abreviações, sem explicação, acaba por aumentar o tempo de leitura e, assim, desperdiçar o tempo dos leitores? Para Pinker (2014), escritores utilizam recursos como abreviações para economizar o próprio tempo na hora da escrita. Porém, esquecem que os poucos segundos que deixam de explicá-las custam muitos minutos no dia a dia de seus leitores.

Isso, para o autor, é escrever mal. E, ao escreverem mal, pesquisadores estão desperdiçando o tempo de seus leitores, além de gerar confusão e erro.

E o texto acadêmico inteligível, difícil de ler e entender, excessivamente específico para uma área, não traz consequências apenas para seus leitores, mas impacta, também, diretamente o meio acadêmico. E, como exemplo, um caso específico representa isso.

O fato aconteceu nas revistas científicas Springer e IEEE². Mais de 120 artigos científicos foram publicados nesses periódicos entre 2008 e 2013 e removidos um tempo depois. Isso porque cada um desses artigos era formado pelo uso de jargões sem qualquer sentido, criados automaticamente por computador, em ferramentas geradoras de lero-lero, frases prolixas e que não fazem sentido algum.

O questionamento, neste caso, é que todos esses artigos foram revisados por editores dessas revistas e chegaram a ser publicados. Isso demonstra a valorização de jargões em textos acadêmicos, mesmo que o conteúdo não acrescente em nada ao conhecimento científico. Mais de 120 artigos científicos falsos foram publicados sem ter qualquer sentido. Foram publicados apenas por usarem jargões.

Essas consequências acabam afastando o texto acadêmico do seu propósito. Como coloca Pereira (2013), “quando se torna mais importante demonstrar o domínio do vocabulário ou a performance do estilo, em detrimento do conteúdo ou das normas epistêmicas” (p. 226), o texto acadêmico se afasta do seu objetivo original.

E o que seria esse objetivo? Segundo o autor:

No caso da comunicação científica, o que se quer é que o leitor, a banca examinadora ou o comitê científico que faz a avaliação do trabalho para publicação ou apresentação sejam convencidos, persuadidos de que o que se diz é verdade (PEREIRA, 2013, p. 218).

Além disso, o foco deve ser que o leitor consiga entender o raciocínio e as ideias do texto acadêmico, sem que uma linguagem rebuscada, difícil, entendida por poucos, atrapalhe isso, como defende Severino (2017), doutor em filosofia.

Inclusive pesquisadores que querem ter mais impacto com suas pesquisas precisam ir na direção contrária de textos com linguagem rebuscada e difícil. Para ter mais impacto, textos acadêmicos precisam ser mais simples e claros.

² **120 artigos científicos foram criados por gerador de "lero-lero" e ninguém percebeu.**
<http://www.dche.ufscar.br/news/120-artigos-cientificos-foram-criados-por-gerador-de-lero-lero-e-ninguem-percebeu>

É o que mostra um estudo realizado pelos pesquisadores Freeling, Doubleday e Connell (2019). Eles analisaram 130 artigos revisados por pares das áreas de ciências ambientais, sociais e médicas. Desses artigos, aqueles que possuíam mais impacto na Academia, isto é, eram mais citados e tinham maior influência, eram justamente aqueles que refletiam mais princípios de clareza de texto, criatividade e estrutura narrativa.

E, segundo os próprios autores, esse resultado indica, principalmente, que a clareza de textos acadêmicos ajuda pesquisadores a atingirem um público mais amplo, propagarem suas ideias com mais facilidade pela Academia, e até mesmo na indústria e na mídia.

Outro ponto de discussão sobre a clareza de textos acadêmicos é a preferência dos próprios pesquisadores por trabalhos escritos dessa forma. Sword (2008) realizou um levantamento com colegas pesquisadores de diversas disciplinas. Ao pedir para que descrevessem o tipo de escrita acadêmica que mais apreciavam. A partir disso, eles preferem textos que, principalmente:

- expressam ideias complexas de forma clara e sucinta;
- envolvem e prendem a atenção do leitor por meio de exemplos e anedotas relevantes;
- evitam jargões, exceto quando termos específicos da área são essenciais para o argumento.

E essas preferências também podem se refletir na prática, no dia a dia desses pesquisadores dentro da Academia. A própria Sword (2009) relata sua experiência real como professora de um curso de pós-graduação. Seus alunos demandam textos que contenham histórias, exemplos, ideias e soluções, não referências com longas citações, explicações complicadas e com uso excessivo de jargões. E, novamente, estamos falando de alunos de um curso de pós-graduação, não de graduandos.

Isso nos leva a outra questão: a dificuldade para entender textos acadêmicos mais rebuscados, difíceis e com linguajar específico de uma área, acontece inclusive dentro da própria Academia, entre colegas de área, mesmo que, teoricamente, falem o mesmo linguajar específico e tenham conhecimento dos mesmos conceitos.

E existem exemplos práticos que demonstram isso, inclusive experiências pessoais de autores que já citamos aqui. Pinker (2014), por exemplo, conta que, diariamente, fica perplexo com textos acadêmicos na sua área, mesmo sendo doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de Harvard. Para exemplificar, ele cita um caso:

A seção de métodos de um artigo experimental explica: ‘Os participantes lêem afirmações cuja veracidade foi afirmada ou negada pela apresentação subsequente de uma palavra de avaliação.’ Depois de algum trabalho de detetive, concluí que significava: ‘Os participantes lêem frases, cada uma seguida pela palavra verdadeiro ou falso’. O acadêmico original não era tão conciso, preciso ou científico quanto a tradução simples para o inglês. Então, por que meu colega se sentiu obrigado a empilhar os polissílabos? (PINKER, 2014, p. 2 e 3)³

Outro exemplo é a série de debates entre intelectuais que ocorreu nos Estados Unidos, entre os anos 1990 e 2000, como relatado pelo editor e doutor em inglês, Mark Bauerlein (2004). Os intelectuais debatiam sobre as ideias publicadas na Academia, em que de um lado se criticava o excesso de relativismo e, do outro, de cientificismo. O que acontece é que ambos os lados apontaram que não compreendiam os postulados uns dos outros.

E o que pode justificar essa dificuldade de entendimento de textos acadêmicos, mesmo entre pessoas que são da mesma área? Um possível motivo é o que aponta a mestre em Letras, Liana Braga Paraguassu (2018)⁴. A autora cita um estudo do Indicador de Letramento Científico (ILC) que indica: apenas 5% dos pesquisadores no Brasil possuem proficiência na linguagem científica. Além disso, quase a metade possui um letramento científico rudimentar, o que significa que a capacidade de compreender a linguagem científica é extremamente básica.

Já no caso específico de alunos de graduação, essa dificuldade pode ser explicada por um ensino insuficiente na educação básica. Como explica Moretto (2017), doutora em educação, universitários que tiveram esse tipo de ensino estão menos preparados para o ambiente acadêmico. São alunos que possuem mais dificuldade para se apropriarem da linguagem acadêmica.

³ Trecho original da citação marcada: “*The methods section of an experimental paper explains, ‘Participants read assertions whose veracity was either affirmed or denied by the subsequent presentation of an assessment word.’ After some detective work, I determined that it meant, ‘Participants read sentences, each followed by the word true or false.’ The original academese was not as concise, accurate, or scientific as the plain English translation. So why did my colleague feel compelled to pile up the polysyllables?*” (PINKER, 2014, p. 2 e 3).

⁴ **ILC - Indicador de Letramento Científico.** Disponível em: <http://iblc.org.br/wp-content/uploads/2018/01/1-relatorio-executivo-ilc-fcc.pdf>.

E, então, como evitar as consequências da escrita acadêmica difícil, estimular que pesquisadores escrevam para cumprir o objetivo do texto de suas pesquisas, além de atender à demanda da própria academia por textos mais claros e simples?

Primeiro, como aponta Marinho (2010), doutora em Linguística, é preciso que haja “investimento na compreensão dos problemas em torno dessa temática e em ações propositivas” (p. 383).

Mas também é necessário que os próprios acadêmicos tenham consciência de que isso é uma questão a ser resolvida e que, principalmente, eles próprios podem — e devem — colaborar para solucioná-la.

Como defende Sword (2009),

Se quisermos permanecer intelectualmente vivos, porém, devemos correr esses riscos de vez em quando. Estudiosos do ensino superior em particular — um campo em que muitas pessoas trabalham, mas relativamente poucas realizam pesquisas — têm um dever ético, estético e pedagógico de comunicar seu trabalho de forma eficaz para aqueles que vivem fora de nossa própria bolha intelectual. E não teremos sucesso em envolver novos públicos (ou, por falar nisso, em revigorar os já existentes) a menos que reformulemos nossa prosa acadêmica. Como? Imitando os escritores acadêmicos mais eficazes em vez dos mais convencionais; trabalhando duro para chamar a atenção do leitor, para tecer uma história vívida, para complementar uma narrativa bege com cores mais brilhantes; e ao provar que estão errados, os pessimistas que alertam que os principais periódicos acadêmicos não aceitarão nada além de uma prosa pré-fabricada. Devemos isso aos nossos colegas, nossos alunos, nossas instituições e, sim, a nós mesmos, escrever como os professores mais eficazes ensinam: com paixão, com habilidade, com cuidado e com estilo (SWORD, 2009, p. 334).⁵

⁵ Trecho original da citação marcada: “*If we want to remain intellectually alive, however, we must take such risks from time to time. Scholars of higher education in particular – a field in which many people work but relatively few undertake research – have an ethical, aesthetic and pedagogical imperative to communicate their work effectively to those who dwell outside our own intellectual hothouse. And we will not succeed in engaging new audiences (or, for that matter, in reinvigorating existing ones) unless we re-dress our academic prose. How? By emulating the most effective academic writers rather than the most conventional ones; by working hard to catch a reader’s eye, to weave a vivid story, to accessorise a beige narrative with brighter colours; and by proving wrong the naysayers who warn that top academic journals will accept nothing but cookie-cutter prose. We owe it to our colleagues, our students, our institutions and, yes, to ourselves to write as the most effective teachers teach: with passion, with craft, with care and with style*” (SWORD, 2009, p. 334).

5.2.4 O que pesquisadores da escrita acadêmica recomendam para um texto claro

Olhar para a própria Academia nos permite encontrar exemplos reais de pesquisadores e pesquisadoras que já escrevem numa linguagem que não é rebuscada e difícil de entender. Para Sword (2012), são acadêmicos(as) que escrevem “prosas com estilo”.

A autora, ao citar alguns exemplos, consegue apontar, também, o que os textos desses pesquisadores possuem em comum que os fazem mais fáceis de entender:

Esses escritores habilidosos se envolvem com seu público ao aplicar técnicas que qualquer escritor pode dominar: títulos que chamam a atenção, aberturas atraentes, estudos de caso, anedotas, ilustrações, exemplos, histórias. Eles escrevem ao mesmo tempo em um tom de conversa e demonstrando autoridade, expressando seus argumentos em uma prosa cuidadosamente elaborada que é baseada em verbos, concreta e livre de confusão. Mais importante do que tudo, eles tratam a escrita acadêmica não como um conjunto de regras invioláveis, mas como uma série de escolhas estilísticas (SWORD, 2012, p. 4).

A partir disso, já é possível tirar algumas recomendações de como escrever textos acadêmicos mais claros e envolventes. Além disso, ao estabelecer características estilísticas frequentemente relacionadas a uma escrita acadêmica eficaz, Sword (2009) apresenta uma lista que pode ser usada como referência de o que fazer para tornar um texto acadêmico mais eficaz, em seu entendimento.

- 1) Título: o livro ou artigo tem um título interessante e concreto?
- 2) Abertura: o livro ou artigo contém um parágrafo de abertura envolvente?
- 3) História: o livro ou artigo conta uma história?
- 4) Jargão: o livro ou artigo é relativamente livre de jargões?
- 5) Voz: o autor escreve com uma voz individualista?
- 6) Interdisciplinaridade: o livro ou artigo apresenta referências acadêmicas de fora da área do próprio autor?
- 7) Exemplos: o livro ou artigo incorpora exemplos concretos, ilustrações (sem contar os diagramas gerados em Excel), anedotas e/ou metáforas?
- 8) Elegância e construção: as frases são elaboradas com cuidado e elegância?
- 9) Capacidade verbal: o autor escreve frases claras e limpas que favorecem verbos de ação e substantivos concretos?

- 10) Criatividade, engajamento, humor: o livro ou artigo transmite fortemente alguma ou todas as seguintes qualidades: criatividade, imaginação, originalidade; paixão, compromisso, engajamento pessoal; um senso de humor?

Especificamente sobre evitar o uso de jargões, essa não é uma recomendação apenas da autora. Segundo Sword (2012), dos 100 guias de escrita acadêmica que estudou, nenhum recomendava ou defendia o uso de jargões livremente. A maioria ressalta que “a linguagem técnica deve ser usada com cuidado, precisão e moderação”.

E como fazer isso na prática? Como aplicar jargões com moderação? Uma dica prática que Sword (2012) dá é destacar no texto palavras que poderiam não ser facilmente entendidas por um leitor(a) fora da área ou disciplina do conteúdo. Além disso, pode-se medir a quantidade de jargões utilizados por página, parágrafo ou até frase.

A autora também indica que pesquisadores identifiquem os jargões e se perguntem por que os estão usando no texto, para serem mais conscientes sobre o uso. O termo específico da área foi aplicado para impressionar, sinalizar que faz parte da comunidade da área, demonstrar domínio de ideias complexas? Ou foi utilizado para entrar em uma discussão que já está em andamento no texto? Ou, ainda, foi aplicado como forma de brincar com a linguagem e as ideias, criar um novo conhecimento, desafiar os leitores a pensar, comunicar algo de forma resumida para colegas da academia?

Pensar sobre essas questões poderá ajudar a decidir quais termos específicos da área realmente necessitam estar no texto e quais aqueles que podem ser retirados. A autora indica que sejam mantidos apenas aqueles que representam as prioridades e valores do pesquisador(a).

E, para cada jargão ou termo específico que for mantido, claro, Sword (2012) recomenda que ele venha acompanhado de uma definição e de informações básicas, que seja contextualizado para quem está lendo. Isso, inclusive, pode ajudar o pesquisador a perceber que, após colocar a explicação no texto, talvez o uso do jargão não seja tão necessário assim.

Existem outras recomendações práticas para obter mais clareza, facilitar o entendimento e tornar a leitura de textos acadêmicos mais leve, como as indicações de Cervo, Bervian e Da Silva (2017). Além da escolha do vocabulário para ajudar nesse objetivo, os

autores também defendem o uso de frases simples e curtas. Cada uma delas deve conter apenas uma ideia. Isso facilita o desenvolvimento do pensamento e, também, permite que o leitor o acompanhe mais facilmente.

Para simplificar essas frases, é possível utilizar algumas estratégias e passos que Finatto, Evers e Stefani (2016) identificaram. As autoras realizaram um exercício com estudantes de tradução para simplificação de textos científicos. E as principais estratégias utilizadas por eles foram: substituir termos por sinônimos mais simples, diminuir o tamanho do texto, ler o texto rapidamente (para identificar as ideias principais e resumir), além de diminuir o tamanho das frases.

Até mesmo repetir palavras e ideias é um recurso que pode colaborar para que o leitor entenda mais facilmente o texto acadêmico. De acordo com Brian Street (2010), esse recurso é bastante utilizado por escritores experientes como uma estratégia de tornar claras ideias que, sem repetição, não seriam compreendidas por quem lê.

Também é importante considerar um público ou destinatário no momento de escrever. Isso ajuda a adaptar o texto de acordo com o leitor(a). Nesse processo, é necessário fazer o que Moretto (2017) aponta como "antecipar as respostas do destinatário" (p. 178):

(...) ao falar, o locutor sempre leva em conta a percepção do enunciado pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação, suas convicções, seus preconceitos. Tudo isso irá determinar a escolha do gênero do enunciado, os procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado (BAKHTIN, 2010) (MORETTO, 2017, p. 178).

E após finalizar a escrita, é possível fazer mais algo para simplificar o texto e deixá-lo mais claro? Nesse momento, a revisão é fundamental. Como explica Pinto (2014), ao revisar o próprio texto, o/a acadêmico(a) faz mais reescritas e, conseqüentemente, melhora o seu texto. Isso porque, segundo ela, com a revisão, "se focaliza o tópico, escolhe-se o tipo/gênero de texto discursivo adequado, adapta-se a versão aos leitores, acerta-se o estilo" (p. 29).

A autora reforça ainda que, ao reler o seu texto na medida em que o escreve, o pesquisador consegue organizar mais facilmente o pensamento e a lógica das frases complexas,

além de favorecer a complementação de ideias, correções e identificação do que faz ou não faz sentido no texto.

Além disso, após finalizar a escrita, uma recomendação é mostrar o texto para outras pessoas, para ter uma noção se ele é facilmente entendido. Nesse processo, Pinker (2014) indica:

(...) mostrar um rascunho para uma amostra de leitores reais e ver se eles conseguem acompanhá-lo, assim como mostrá-lo a você mesmo após um tempo para que (o texto) não seja mais familiar e rascunhá-lo novamente uma vez (ou duas, três ou quatro) (PINKER, 2014, p. 17).

Por fim, um detalhe: é importante tentar tornar as suas ideias mais concretas para deixar o seu texto mais claro. Se um pensamento é abstrato, busque meios, palavras, termos, frases para deixá-lo um pouco mais concreto. Como o próprio Pinker diz, “O compromisso com o concreto faz mais do que apenas facilitar a comunicação; pode levar a um raciocínio melhor” (p. 17).

5.3 Linguagem Simples não é simplória

Compreendida a discussão acerca da escrita e compreensão de textos acadêmicos, buscamos técnicas que poderiam auxiliar pesquisadores no momento de elaboração dos seus trabalhos. A primeira delas é a Linguagem Simples. Segundo Pires (2017), a Linguagem Simples “é um conjunto de práticas que facilitam a leitura e a compreensão de textos. Considera o público a quem a comunicação se destina para organizar as ideias, escolher as palavras mais familiares, estruturar as frases e determinar o design” (p. 10).

A técnica não foi criada no Brasil e é uma tradução do conceito *plain language*. Em nosso país, consagrou-se o termo Linguagem Simples, mas em outros países de língua portuguesa – como Portugal – utiliza-se Linguagem Clara. De acordo com Pires (2017):

Em torno do conceito de *plain language* (linguagem clara), estruturou-se um movimento mundial [...] com o objetivo de facilitar a compreensão de textos da cidadania e do consumo, o movimento consolidou uma série de diretrizes de escrita e organização visual da informação (PIRES, 2017, p. 7).

Existe uma série de sugestões para aplicação da Linguagem Simples. No produto elaborado para este trabalho, listamos algumas de acordo com o nosso objetivo nesta pesquisa.

No entanto, trazemos aqui também exemplos gerais de aplicação da técnica, são eles:

a) desenvolver apenas um tópico por parágrafo;

b) utilizar palavras comuns no lugar de outras pouco familiares;

c) utilizar, preferencialmente, a voz ativa;

d) usar verbos claros e vívidos para expressar ações;

e) reduzir ao mínimo as referências cruzadas; f) organizar o material de modo a ajudar o leitor a captar rapidamente as informações importantes.

No Guia, está disponível uma lista de ferramentas que analisam o texto e indicam seu nível de compreensibilidade ou complexidade.

Usualmente, a Linguagem Simples é utilizada para facilitar o entendimento de cidadãos no momento em que eles recorrem a serviços oferecidos pelo Estado. A técnica tem sido aplicada em textos jurídicos e, sobretudo, em orientações que partem de órgãos municipais, uma vez que estes mantêm uma relação mais próxima com os cidadãos. Observamos, assim, que a Linguagem Simples promove a cidadania ao possibilitar que o indivíduo participe da sociedade e, aqui, “a palavra ‘participar’ quer dizer que o letramento em leitura permite à pessoa tanto contribuir com a sociedade quanto atender às suas próprias necessidades” (PIRES, 2017, p. 32).

Diante desse cenário, trazemos a provocação: e se a técnica fosse aplicada em textos acadêmicos?

Como nos explica Pires (2017), “estudos no campo da linguagem mostram que textos com estrutura sintática complexa, vocabulário pouco familiar e alta carga informacional – entre outras características – podem prejudicar a compreensão mesmo de leitores proficientes” (p. 7). A situação é confirmada por parte dos resultados encontrados na *survey* que realizamos com pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Dos respondentes, mais da metade afirmou que o **“uso de conceitos que não são**

explicados” e **“a linguagem excessivamente formal”** são dificuldades encontradas para entender textos acadêmicos.

Em 2017, em entrevista à Rádio PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Rio de Janeiro⁶, a jornalista e referência nacional em Linguagem Simples no Brasil, Heloísa Fischer, recebeu a seguinte pergunta: “Que lugar a linguagem clara pode ocupar na escrita acadêmica?”. A resposta: se a intenção é se comunicar com os pares, não há problema no uso de termos específicos, abstrações e jargões. No entanto: “quando o interesse da Academia for dialogar com a sociedade, prestar contas dos investimentos públicos na construção da ciência e comunicar os achados de pesquisa, então é hora de buscar a linguagem clara”.

Entretanto, como observamos nos resultados da *survey* aplicada para este trabalho, mesmo entre os leitores com o mesmo nível de formação há dificuldade para que se entendam. Sendo assim, situando a técnica na Academia, observamos que a Linguagem Simples pode contribuir no momento de produção de textos acadêmicas, sobretudo, porque recomenda que se “evite jargões e termos específicos: se forem inevitáveis, deve explicá-los” e **“possibilita transmitir informações complexas de maneira simples e objetiva”** (PIRES, 2017, p. 10).

Ainda de acordo com Pires (2017), “usar linguagem clara significa priorizar o leitor. Descobrir o que os leitores querem saber, de que informação precisam” (p. 12). Diante disso, ao escrever seu texto acadêmico de forma clara, o pesquisador contribui não apenas para que seja mais facilmente compreendido, como também para a democratização do conhecimento científico, compromisso difundido, sobretudo, pelas universidades públicas.

Porém, pode ser necessário um cuidado ao abordar a técnica. Afinal, quem aponta que uma linguagem não está simples pode insinuar saber o que é uma boa escrita. E, como resposta, receber uma reação negativa de quem foi confrontado. Essa foi uma recomendação apontada por Rodrigues (2021), durante a entrevista realizada para este trabalho.

5.4 O *UX Writing*: mais fácil do que o nome

⁶ **Divulgando a linguagem clara.** Disponível em: <https://comunicasimples.com.br/2017/09/19/divulgando-a-linguagem-clara/>.

O *UX Writing* é outra técnica que pode ser útil para construção de textos acadêmicos. Primeiro, é necessário traduzir o termo para o nosso idioma. *UX* significa *User Experience*. Traduzido: experiência do usuário. *Writing* é o ato de escrever. Logo, *UX Writing*, como explica Rodrigues (2019), é a “escrita voltada para a experiência do usuário” (p. 36). E complementa afirmando: “parte da premissa de que lidamos, aqui, com a proposta de criar uma escrita que proporcione um nível de excelência na experiência de absorção de informação nunca antes oferecida ao usuário, independentemente da plataforma” (p. 36).

Ao abordar o surgimento do *UXW*, Rodrigues (2019) nos conta que a autora do livro “*Microcopy – The Complete Guide*”, Kinneret Yifrah, cunhou o termo “microrredação” em 2018. De acordo com o autor, para chegar ao conceito, Yifrah primeiro “percebeu que não bastava adequar textos às telas menores, era preciso repensar como frases e palavras deveriam ser apresentadas para os usuários de aparelhos portáteis” (p. 17).

Diante disso, ainda de acordo com o autor, Yifrah, que também é empresária, entendeu que:

seus públicos queriam não apenas mais concisão e objetividade, mas conteúdos que solucionassem pequenos (e às vezes grandes) problemas do cotidiano. [...] A força de cada palavra precisava ser estudada, assim como se cada expressão é ou não compreendida (RODRIGUES, 2019, p. 17).

Nascia assim o conceito de microrredação. A redação elaborada não somente para telas menores, mas também em que cada palavra é avaliada. Segundo Rodrigues (2019), “é difícil afirmar que *UX Writing* seja um sinônimo exato de microrredação” (p. 17), uma vez que o *UXW* está conjugado com todos os outros critérios que compõem a experiência do usuário. No entanto, entendemos que o *UXW* certamente é um desdobramento do conceito de microrredação.

Rodrigues (2019) continua e explica que “muito do que se tem escrito – e ensinado – no mundo inteiro sobre *UX Writing* relaciona o termo à criação de conteúdo para aplicativos (apps) (p. 18)”. Sendo assim, entendido o que é o *UXW* e em quais situações a técnica é usualmente aplicada, questionamos: é possível que o *UXW* seja utilizado na elaboração de textos acadêmicos, uma vez que esses trabalhos são longos e não visam, de imediato, o lucro?

A conclusão a que chegamos é que sim, se feitas as devidas adaptações nos fundamentos da técnica. O próprio Rodrigues pontua que é “precoce afirmar que suas técnicas

[do *UXW*] são eficazes em todos os casos” (2019, p. 19), mas também “que é muito cedo para restringir a atuação do *UX Writing*” (2019, p. 19). Diante disso, debruçamo-nos nas principais recomendações da técnica e propomos formas de utilizá-la na elaboração de textos acadêmicos. O *UXW* tem sido explorado no Brasil há pouco mais de três anos e acreditamos que vale experimentar e observar que frutos podemos, como comunidade acadêmica, colher desse processo.

Existem possíveis limitações na utilização de *UXW* em textos acadêmicos. Uma delas é que a experiência de leitura de trabalhos desse tipo é linear e o “*UX* não trabalha com linearidade” (PIRES, 2021). Outra é que, em *UXW*, orienta-se o usuário para que ele execute uma tarefa simples até concluí-la. No texto acadêmico, por mais que o desejo seja que o leitor leia o trabalho do início ao fim, essa não pode ser considerada uma tarefa dada para o leitor sobre o que ele deve fazer.

Partimos do pressuposto de que o pesquisador deve ter consciência de que a leitura de um texto é uma experiência para o leitor. Portanto, a primeira recomendação do *UXW* válida para o momento de construção do texto acadêmico é de que “antes de começar a escrever, o redator precisa identificar as metas tanto de quem vai usar a experiência quanto da organização que a oferece” (PODMAJERSKY, 2019, p. 24). Isso significa que é importante saber de onde se escreve e se quem for ler seu texto o entenderá.

E ressaltamos que a experiência durante a leitura de um texto acadêmico é importante não somente para que ele seja compreendido, mas também para que os leitores retornem àquele tipo de material e busquem outros similares. Como explica Podmajersky (2019):

os seres humanos são afetados por suas interações e não se esquecem do sentimento que associam às experiências. [...] Se não projetarmos como o conteúdo dará apoio a esse sentimento, a pessoa pode sentir qualquer coisa: afeição, repulsa, lealdade, aversão ou uma confusão que a torna desapegada (p. 28).

Para o momento da escrita do texto acadêmico, acreditamos que os padrões de texto *UX* propostos por Podmajersky também são úteis. De acordo com a autora, o objetivo dos padrões de texto *UX* “é criar um ponto de partida fácil e reconhecível para a redação de texto de alta qualidade” (2019, p. 59). Ela lista quais são os padrões de texto *UX* que devem compor quase toda experiência. Como já ressaltamos aqui, o *UXW* é bastante utilizado pelo mercado e, por causa disso, entendemos que apenas alguns padrões de texto *UX* são úteis para produções

acadêmicas, como título, descrições, rótulos, textos de transição, mensagens de confirmação e erros. Adaptamos esses padrões de texto *UX* para o contexto da produção acadêmica e sugerimos no produto deste trabalho as maneiras de utilizá-los.

Ainda para Podmajersky, outros quatro aspectos também são relevantes ao considerarmos a experiência do usuário com o texto: ser significativo, conciso, dialógico e claro. A pesquisadora explica que:

No início, tem-se um primeiro esboço ou estado atual do texto. Em seguida, é preciso certificar-se de que ele atende a todos os seus propósitos. [...] Em seguida, trabalha-se na concisão. Depois que o texto estiver curto, realizamos os ajustes para que ele volte a ser dialógico, não árido ou robótico. Por fim, revisamos o texto para garantir que o significado ficará claro para o usuário da experiência. (PODMAJERSKY, 2019, p. 101).

No Guia, produto deste trabalho, também detalhamos de que maneira essas quatro características podem ser aplicadas em produções acadêmicas. Em resumo, nossa proposta é que a Linguagem Simples ofereça ferramentas para que os pesquisadores tornem mais clara a linguagem dos seus textos. Já o *UX Writing* será útil no momento da construção da estrutura do trabalho, para que ela facilite a experiência do leitor, ao ter contato com as produções acadêmicas.

6. METODOLOGIA

6.1 As *surveys*

Elaboramos uma *survey* com 12 questões, divididas em 4 seções, a fim de compreender a percepção de estudantes de graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) acerca da linguagem de textos acadêmicos e quais as principais dificuldades encontradas por eles na compreensão de trabalhos dessa natureza.

A *survey* foi hospedada na plataforma Google Formulários e foi divulgada dos dias 16/03 a 25/03/2021, por meio de aplicativos de mensagem instantânea, em redes sociais e por comunicações enviadas via e-mail, pela secretaria da Faculdade de Comunicação (FaC) da Universidade de Brasília (UnB).

As seções foram divididas da seguinte maneira: a primeira era uma pergunta filtro para garantir que o respondente era estudante de graduação em Comunicação da UnB; a segunda também era uma pergunta filtro, dessa vez, para identificar se o respondente já havia tido dificuldade para entender um texto acadêmico; a seguinte era composta por questões mais direcionadas ao perfil, como idade e curso. Tivemos boa representatividade entre todos os cursos da Faculdade de Comunicação, mas a maioria dos respondentes está matriculado no curso de Comunicação Organizacional. Acreditamos que por também sermos estudantes desse curso, a *survey* circulou com maior facilidade entre colegas mais próximos. Por fim, na última seção, a maior, partimos de fato para as questões que envolvem **leitura e compreensão de textos**.

Recebemos 213 respostas. 184 delas foram válidas, de uma população total de 1.169 – a quantidade de estudantes de Comunicação da UnB. Sendo assim, o grau de confiança é de 95%, com margem de erro de 7%, segundo a calculadora de tamanho de amostra do software de questionários *SurveyMonkey*⁷.

Também elaboramos uma segunda *survey*, dessa vez, com 20 questões, divididas em 5 seções, a fim de compreender a percepção de pesquisadores e pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade de Brasília (UnB) acerca da

⁷ Disponível em: <https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/>.

linguagem de textos acadêmicos e quais as principais dificuldades encontradas, entre eles, para escrita e compreensão de trabalhos dessa natureza.

Assim como a primeira, a *survey* também foi hospedada na plataforma Google Formulários e foi divulgada dos dias 16/03 a 31/03/2021, por meio de aplicativos de mensagem instantânea, em redes sociais e por comunicações enviadas via e-mail pela secretaria da Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

As seções foram divididas da seguinte maneira: a primeira era uma pergunta filtro para garantir que o respondente fazia parte do PPGCOM da UnB; a segunda era composta por questões mais direcionadas ao perfil, como idade e nível de graduação (mestrado ou doutorado); na terceira, a intenção era entender a relação dos respondentes com leitura e compreensão de textos acadêmicos; na seguinte, trouxemos questões que envolvem a **escrita de textos acadêmicos**. Para finalizar, questionamos se o respondente já havia tido contato com algum guia de escrita acadêmica e como foi esse contato.

Não separamos os docentes e os pesquisadores do PPGCOM nessa pesquisa. Então, para fins de esclarecimento, o Programa hoje conta com 19 docentes. Das 59 respostas válidas que recebemos, 7 são de docentes. As demais cinquenta e duas são de pesquisadores e pesquisadoras do mestrado ou doutorado do PPGCOM.

Ao todo, nesta *survey*, recebemos 64 respostas. 59 delas foram válidas, de uma população total de 121 – a quantidade de docentes e pesquisadores do PPGCOM. Sendo assim, o grau de confiança é de 95%, com margem de erro de 9%, segundo a calculadora de tamanho de amostra do software de questionários *SurveyMonkey*.

Os principais resultados das duas *surveys* podem ser consultados no capítulo Diagnóstico deste memorial.

6.2 As entrevistas

Apesar de termos tido acesso às leituras das obras e a conteúdos em áudio e vídeo nos quais as técnicas sugeridas neste trabalho são apresentadas e explicadas, ainda permanecia

certo receio em sugerir a aplicação delas em textos acadêmicos, levando em consideração que seus usos estavam concentrados em contextos bastantes diferentes do que era a nossa proposta.

Para nos dar ainda mais segurança de que a utilização da Linguagem Simples e do *UX Writing* eram possíveis em produções acadêmicas, entrevistamos referências nacionais nos assuntos, atualmente: para a Linguagem Simples, Heloísa Fischer; para o *UX Writing*, Bruno Rodrigues.

Realizamos a primeira entrevista no dia 26/02/2021, por meio da plataforma Google Meet, com o publicitário, professor e consultor em produção de conteúdos digitais Bruno Rodrigues. A conversa durou cerca de 50 minutos. Rodrigues é autor dos livros *Webwriting – Pensando o texto para a mídia digital* (2000); *Webwriting – Redação & Informação para a Web* (2006); *Webwriting – Redação para a Mídia Digital* (2014); e *Em Busca de Boas Práticas de UX Writing – Apontamentos sobre a escrita digital e o foco no usuário* (2019). Além disso, ministra cursos em que aborda a utilização do *UX Writing*.

Elaboramos um roteiro com 10 questões e, ao longo do bate papo, questionamos o profissional sobre a relação com a escrita e compreensão de textos acadêmicos durante seu período na graduação; qual a preocupação dele com o leitor ao elaborar seus próprios textos acadêmicos, já que ele é pesquisador; se ele acreditava que o *UX Writing* poderia ser aplicado em produções acadêmicas; e se ele próprio utilizava nos trabalhos que produziu.

Entendemos que era importante questioná-lo sobre isso, uma vez que, no texto da sua dissertação de mestrado profissional, defendido na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rodrigues afirmou que seu objetivo era de “que a obra tenha a profundidade e a objetividade de um trabalho acadêmico, mas seja ao mesmo tempo simples e fácil de ler”.

A segunda entrevista foi realizada no dia 16/03/2021, por meio da plataforma Google Meet, com Heloísa Fischer, jornalista, pesquisadora e fundadora da assessoria Comunica Simples. A conversa durou cerca de uma hora. Fischer é precursora do uso da Linguagem Simples no Brasil e oferece consultoria para que órgãos da Administração Pública utilizem a técnica em suas comunicações. No último mês, ela defendeu sua dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). O título: “Impactos da Linguagem Simples na compreensibilidade da informação em governo eletrônico: o caso de um benefício do INSS”.

Em um roteiro com 17 questões, conversamos sobre a relação com a escrita e compreensão de textos acadêmicos durante seu período na graduação; qual a preocupação dela com o leitor ao elaborar seus próprios textos acadêmicos, já que ela é pesquisadora; se ela acreditava que a Linguagem Simples poderia ser aplicada em produções acadêmicas; e se ela própria utilizava nos trabalhos que produziu.

Sobre a entrevista com a Heloísa, vale ressaltar que, durante o período em que a entrevista foi concedida, ela estava produzindo o texto da sua dissertação de mestrado. Então foi bastante interessante questionar se ela aplicava a Linguagem Simples nesse texto e como o uso da técnica era possível nesse contexto. Durante a entrevista, ela nos deu exemplos práticos de como esse processo se desenrolava.

6.3 A busca por um bom formato

O *e-book* foi o formato escolhido para a construção do produto desse trabalho. Para entender a melhor forma de materializar isso, aderimos a uma prática usualmente utilizada pelo mercado profissional: o *benchmarking*.

De acordo com a Rock Content, empresa referenciada nacionalmente e que presta serviços e cria produtos de marketing, o *benchmarking* “é uma análise estratégica das melhores práticas usadas por empresas do mesmo setor que o seu. *Benchmarking* vem de ‘*benchmark*’, que significa ‘referência’”⁸.

Portanto, fomos em busca de *e-books* que escolhemos por se destacarem e serem eficazes na linguagem e estrutura propostas. São exemplos do que utilizamos como referência:

⁸ O que é *Benchmarking* e qual a sua importância para o Marketing Digital?. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/benchmarking/>.

7. O GUIA

7.1 Proposta

O produto se chama *Vamos ser claros? Guia para escrita de textos acadêmicos*. A proposta é ser um guia de como é possível tornar textos acadêmicos mais compreensíveis com o uso de técnicas de escrita. Para isso, o material reúne recomendações, técnicas e dicas. As principais são derivadas de duas técnicas de escrita que usualmente são utilizadas no mercado de trabalho: Linguagem Simples e *UX Writing*.

E esse é o grande diferencial deste produto: trazer essas técnicas para dentro da Academia e propor o seu uso em textos acadêmicos. Afinal, não encontramos outros guias que abordassem diretamente a aplicação da Linguagem Simples e do *UX Writing* em textos acadêmicos.

É importante ressaltar que, apesar dessas técnicas serem o foco do guia, o produto não se resume a elas. O material também contém recomendações de outras fontes, que igualmente ajudam a tornar textos acadêmicos mais compreensíveis por meio da escrita.

Isso está ligado, também, à proposta e posicionamento do nosso produto. Este guia é apenas um caminho, uma alternativa para escrita de textos acadêmicos. Não deve ser considerado como o único guia, nem como uma imposição, uma regra ou um padrão a ser seguido.

7.2 Público-alvo

O produto é direcionado principalmente para pesquisadores e pesquisadoras que desejam facilitar o entendimento de quem vai ler os seus textos acadêmicos. Esse é o público que se beneficiará diretamente do nosso Guia.

Vale ressaltar que, por causa do recorte do trabalho, o produto é direcionado especialmente para pesquisadores e pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília

(UnB). Afinal, este foi o público estudado para construirmos o Guia. Dessa forma, o produto tem mais potencial para atender as necessidades e expectativas deste grupo em específico.

Porém, novamente, acreditamos que esse recorte não é limitador. O Guia pode ser utilizado por qualquer pesquisador e pesquisadora. Basta estar em busca de formas de tornar o seu texto acadêmico mais compreensível.

Além deste público-alvo principal, que é quem se beneficiará diretamente do produto, também consideramos um público secundário, que se beneficiará indiretamente do trabalho.

Esse público são os leitores de textos acadêmicos. A partir do momento que pesquisadores começarem a escrever textos mais compreensíveis a partir do nosso guia, seus leitores consumirão textos que entendem mais facilmente.

Nesse público secundário, também possuímos um recorte, não limitador, mas que torna o produto ainda mais direcionado para um grupo em especial. Esse grupo são estudantes de graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), que também foram estudados para construção do produto. Suas preferências, percepções e necessidades estão representadas no material.

7.3 Diagnóstico

Para que construíssemos o produto, era necessário encontrar respostas para algumas questões fundamentais, tanto sobre o tema do trabalho, escrita e compreensão de textos acadêmicos, quanto sobre o produto em si, um guia de escrita para textos acadêmicos. Um diagnóstico que julgamos essencial.

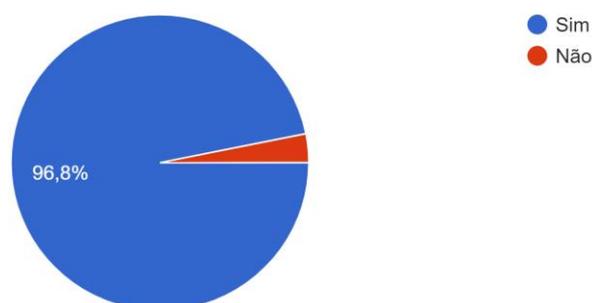
Essas respostas vieram por meio das *surveys* e entrevistas realizadas. Abaixo, estão os principais destaques e dados/informações que nos foram úteis para a construção do nosso guia.

7.3.1 Da *survey* para estudantes

Para o tema do trabalho, vale ressaltar que quase a totalidade dos estudantes (96,8%) responderam que já tiveram dificuldade para entender um texto acadêmico durante a graduação.

1) Durante a graduação, você já teve dificuldade para entender um texto acadêmico?

190 respostas



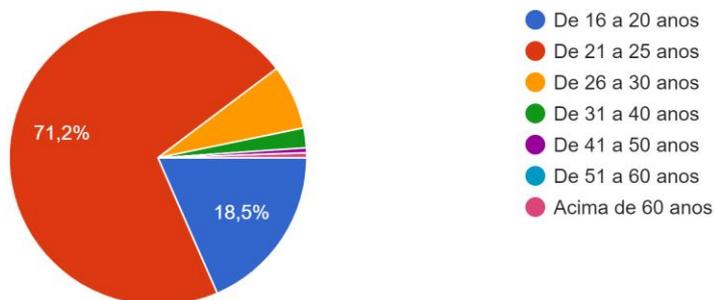
Esse é um dado geral e pouco específico. Porém, já indica que entender textos acadêmicos não é um desafio somente para quem está fora da Academia e é leigo no assunto. Até mesmo quem está no meio acadêmico e tem contato constante com a linguagem acadêmica, inclusive de sua própria área, como estudantes de graduação, apresenta essa dificuldade.

Essa era uma das primeiras perguntas da *survey*. Era, inclusive, uma pergunta filtro. Isso significa que, a partir dela, todas as respostas para as perguntas seguintes eram de pessoas que indicaram já ter apresentado dificuldade para entender textos acadêmicos na graduação.

Dito isso, a maioria dos respondentes (71,2%) têm entre 21 e 25 anos. Sendo assim, são estudantes que já estão mais maduros na universidade. Relacionando com a informação do parágrafo anterior, isso indica que a dificuldade para entender textos acadêmicos acontece independentemente da familiaridade que o estudante tem com o meio acadêmico e sua linguagem.

2) Qual a sua idade?

184 respostas

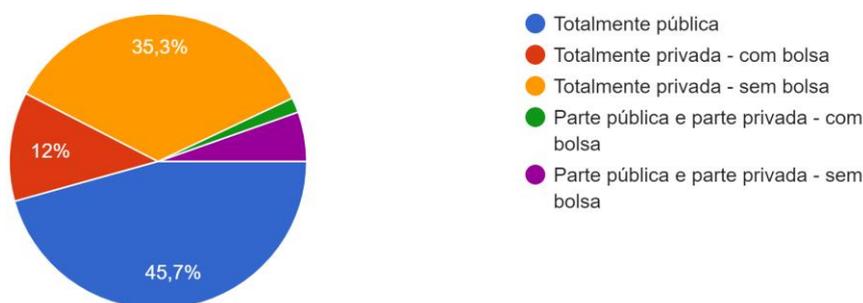


Outro dado interessante para a discussão do tema é sobre o tipo de escola que os estudantes cursaram o ensino médio (EM). A grande maioria dos estudantes cursou o EM em escolas totalmente públicas (45,7%) e totalmente privadas (35,3%).

Portanto, uma hipótese é que o tipo de escola em que o EM foi cursado não interfere na capacidade do estudante de graduação entender um texto acadêmico. Afinal, todos os respondentes dessa questão apontaram na pergunta filtro que já apresentaram dificuldade para entender textos acadêmicos.

3) Em que tipo de escola cursou o Ensino Médio?

184 respostas

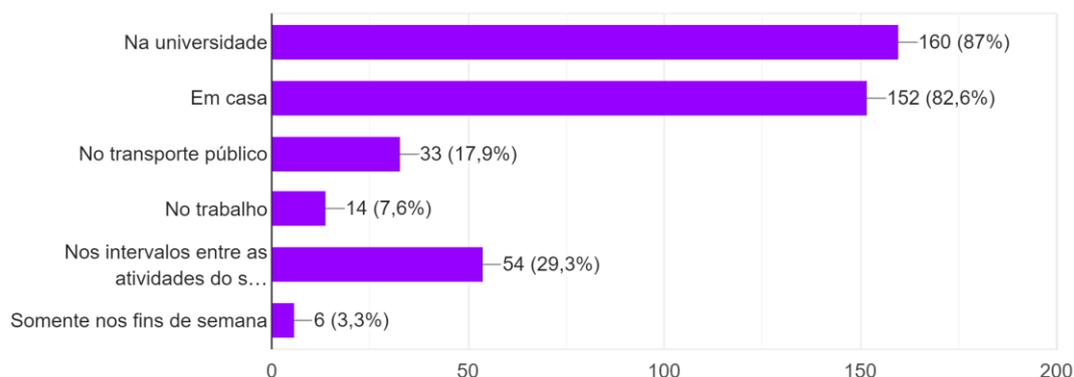


Além dessas análises, também identificamos uma possível necessidade que estudantes possuem sobre textos acadêmicos: eles precisam ser mais rápidos de ler. Isso porque, ao serem questionados em que momentos costumam ler textos acadêmicos, uma porcentagem considerável dos estudantes (58,1%) respondeu que costuma ler em momentos ou ambientes

nos quais não há muito tempo para ler, como nos intervalos entre as atividades do seu dia, no transporte público, no trabalho e somente nos finais de semana.

7) Em que momentos você costuma ler textos acadêmicos? (Selecione até 3 opções)

184 respostas



Apresentamos como possível necessidade porque essas questões podem estar relacionadas a outros aspectos. Quem lê somente nos finais de semana, por exemplo, não necessariamente não tem tempo para ler durante a semana. É possível que falte tempo – ou mesmo energia – durante a semana por causa do trabalho. Também é possível que seja um hábito de deixar leituras para a véspera da próxima aula ou do prazo de entrega de um trabalho, por exemplo.

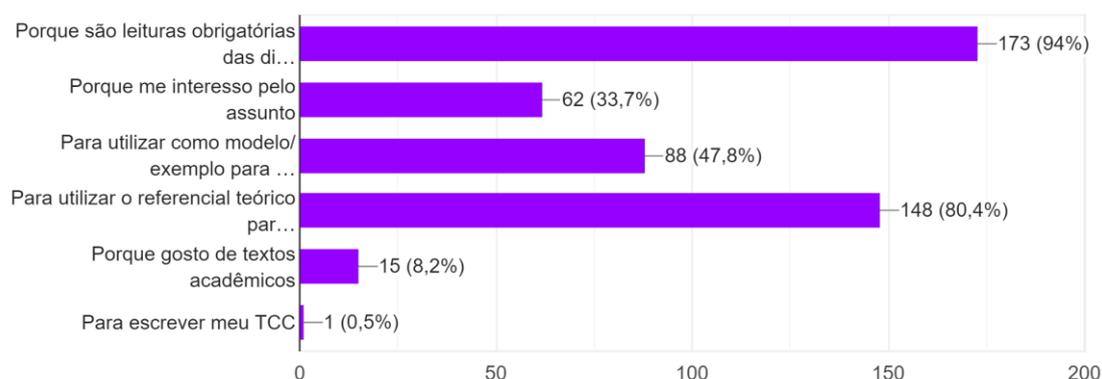
Com esses dados, também é possível questionar como o ambiente ou a ocasião em que se lê textos acadêmicos pode influenciar na compreensão do leitor. Afinal, esse tipo de gênero textual pode demandar mais concentração no transporte público e no trabalho do que em casa, por exemplo.

Um outro resultado da pesquisa também nos fez questionar alguns pontos para o tema de escrita e compreensão de textos acadêmicos.

A maioria dos estudantes respondeu que lê textos acadêmicos por necessidade, seja porque são leituras obrigatórias das disciplinas, para utilizar como modelo/exemplo de escrita de um texto acadêmico, seja para utilizar o referencial teórico para um trabalho. Poucos estudantes apontaram que leem textos acadêmicos por vontade própria, seja porque se interessam pelo assunto, seja porque simplesmente gostam de textos acadêmicos.

6) Por que você costuma ler textos acadêmicos (Pode selecionar mais de uma opção)

184 respostas

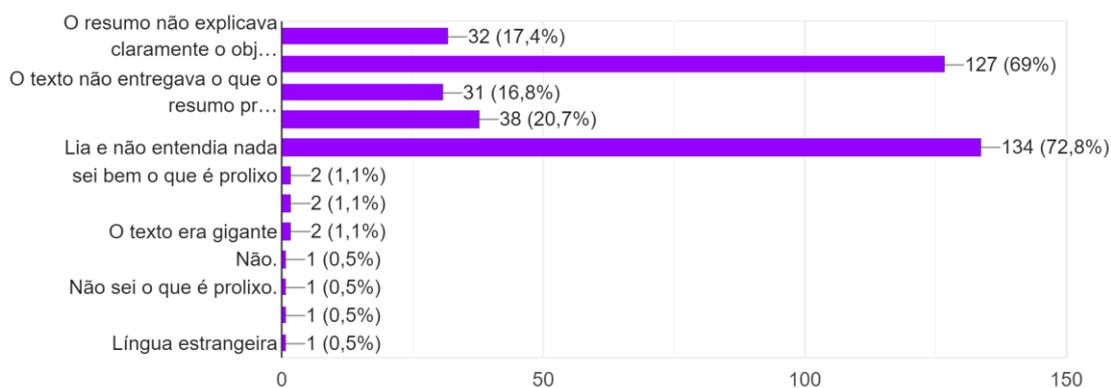


Por que a minoria busca textos acadêmicos por vontade própria? Será que a linguagem do texto acadêmico é um possível motivo para isso? Ou apenas porque um texto acadêmico pode demandar mais atenção e energia do leitor que textos ficcionais, por exemplo? Também são questionamentos interessantes, mas que nossa pesquisa não é capaz de confirmar.

Desistir de ler textos acadêmicos também foi um tópico avaliado por esta *survey*. A maioria dos estudantes respondeu que já desistiu de ler um texto acadêmico porque lia e não entendia nada (72,8%) e/ou porque o texto era prolixo e redundante (69%).

2) Algum dos motivos abaixo já o(a) fez desistir de ler um texto acadêmico? (Pode selecionar mais de uma opção)

184 respostas



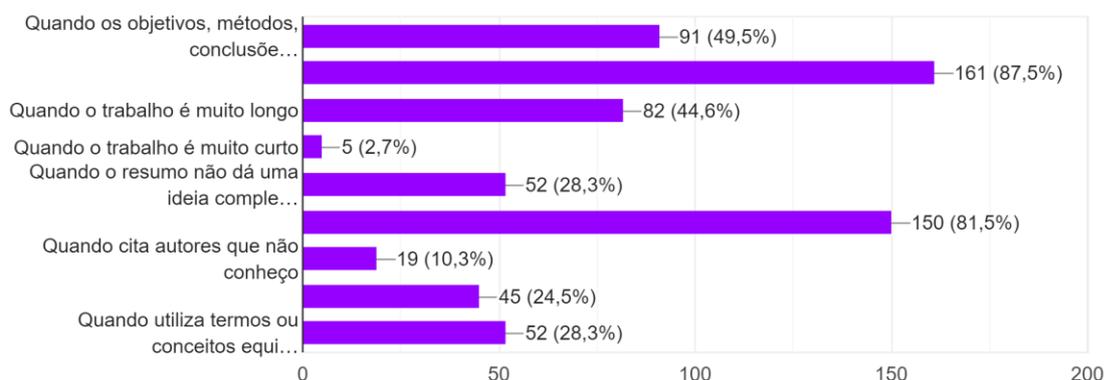
Além disso, vale destacar algumas respostas abertas para essa questão. Um dos estudantes apontou como motivo para já ter desistido de ler alguns textos acadêmicos “o esforço que a gente faz pra tentar contextualizar todas as informações do texto, seja de um parágrafo para o outro, ou conforme o texto vai se desenvolvendo. Esse desenrolar lento e massivo dos conceitos acaba me desestimulando a continuar com a leitura porque se torna bem cansativo”. Outro estudante apontou a “falta de organização visual, como por exemplo, um tópico grudado no outro sem área de respiro” como motivo de desistência.

É possível, também, que um estudante desista de ler textos acadêmicos até por falta de disposição. Ou, ainda, pela sua formação como leitor em geral. Porém, a pesquisa não contempla esses motivos. E eles também não apareceram nas respostas abertas dos estudantes.

Os estudantes também apontaram os principais aspectos de um texto acadêmico que os incomodam. A maioria respondeu que o principal incômodo é quando precisam ler um parágrafo ou trecho várias vezes para compreender (87,5%) – o que pode acontecer, também, simplesmente quando se trata de um assunto novo para o leitor – e/ou quando o texto possui uma linguagem muito rebuscada (81,5%).

3) O que incomoda você em um texto acadêmico? (Pode selecionar mais de uma opção)

184 respostas



Tanto esse fator, quanto a desistência do texto acadêmico nos ajudaram a pensar como o conteúdo do nosso guia poderia ajudar a minimizar os principais problemas que os estudantes apontaram.

7.3.2 Da *survey* para pesquisadores

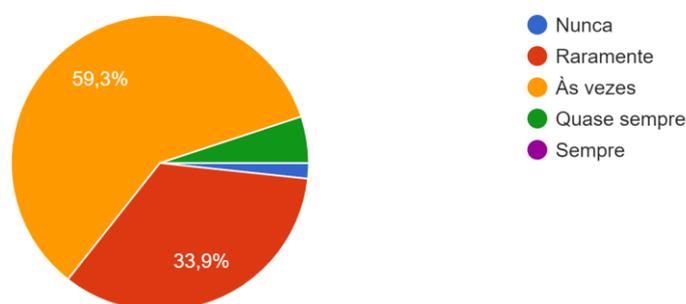
A maioria dos pesquisadores da pós-graduação (59,3%) apontou que, às vezes, costuma ter dificuldade para compreender um texto acadêmico, mesmo se for da área em que atuam. Esse dado, mesmo sendo geral e pouco específico, já indica:

- 1º: mesmo quem já está na pós-graduação e tem ainda mais contato com o texto/a linguagem acadêmica no dia a dia possui dificuldade. Então, a capacidade de entender textos acadêmicos não está diretamente relacionada com nível de formação.

- 2º: pode existir uma carência na formação de pesquisadores durante a graduação, que chegam na pós-graduação ainda com dificuldades para entender um texto acadêmico.

1) Você costuma ter dificuldade para compreender um texto acadêmico, mesmo da sua área?

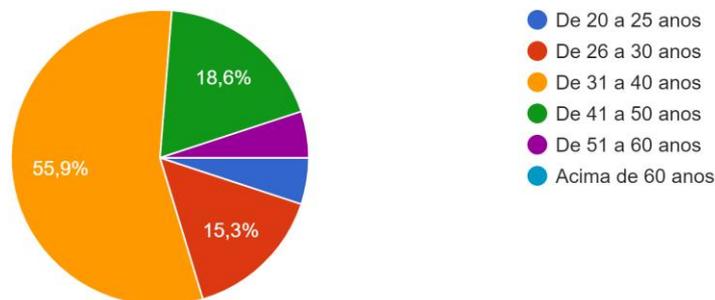
59 respostas



Outro dado interessante é a idade dos pesquisadores que responderam a pesquisa. A maioria tem de 31 a 40 anos (55,9%). Se considerarmos que, por estarem nessa faixa etária, esses pesquisadores não seguiram carreira acadêmica sem intervalos (saindo do ensino médio, indo para a graduação e, logo após, ingressando na especialização ou pós-graduação), é possível que isso tenha influência na forma como escrevem na Academia? Pesquisadores que seguiram a carreira acadêmica sem intervalos ou com intervalos mais curtos escrevem de outra forma, talvez mais rebuscada? São questionamentos possíveis.

3) Qual a sua idade?

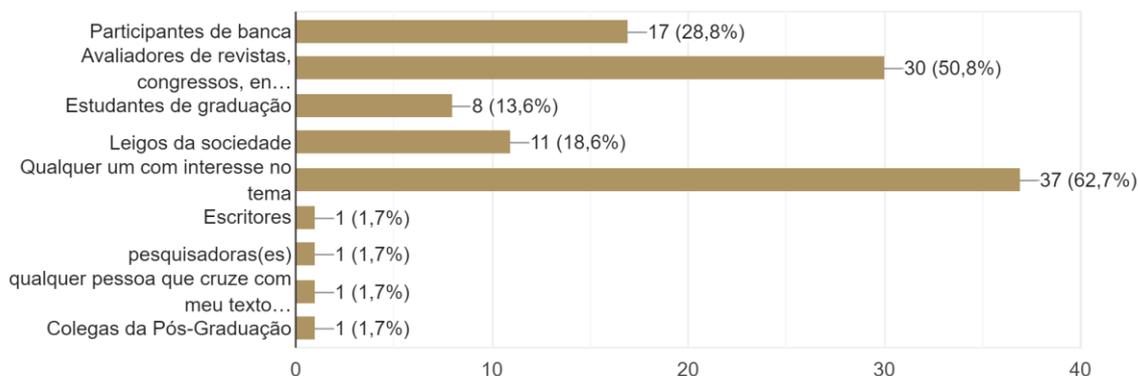
59 respostas



Além disso, outra questão era: qual o público que os pesquisadores consideram na hora de escrever? Será que eles consideram estudantes de graduação? A resposta da pesquisa foi negativa. Apenas 13,6% dos pesquisadores os consideram.

4) Qual público você geralmente considera na hora de escrever um texto acadêmico? (Pode selecionar mais de uma opção)

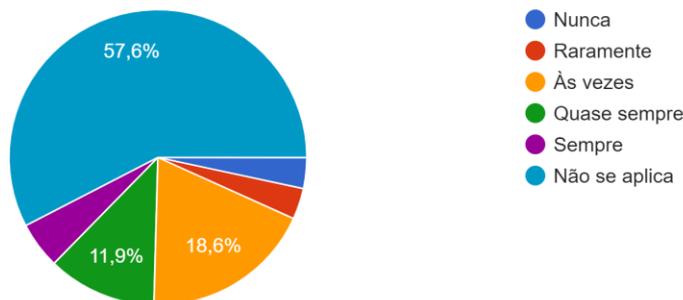
59 respostas



Porém, logo na pergunta seguinte, questionamos, para aqueles pesquisadores que também eram professores ou orientadores na graduação, se eles costumavam indicar seus próprios textos para seus alunos. Quem se encaixava nesse grupo (25 pesquisadores) respondeu que indicava às vezes (44%) ou quase sempre (28%).

5) Se for professor(a) universitário(a) ou orientador(a) na graduação, com qual frequência você costuma recomendar os próprios textos para seus alunos?

59 respostas

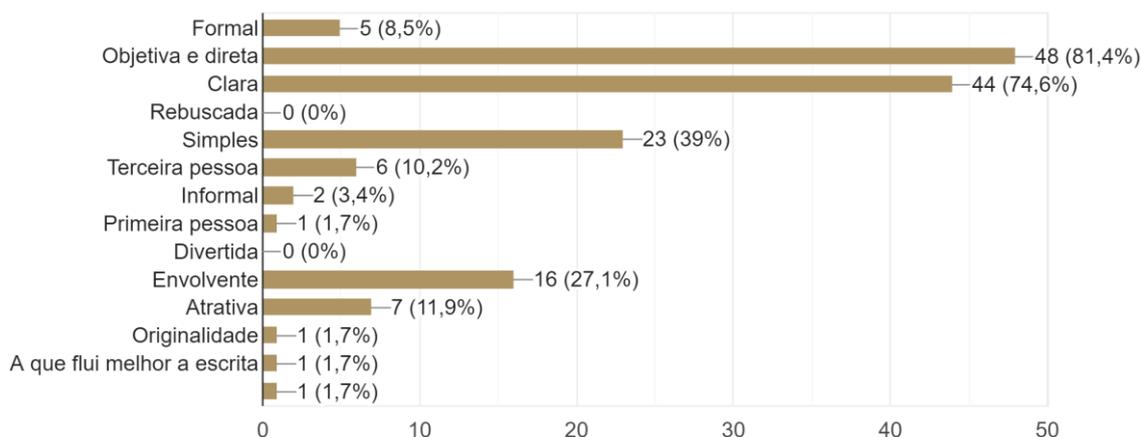


Se, então, boa parte dos pesquisadores tem o costume de indicar seus próprios textos acadêmicos para seus alunos da graduação, por que não os consideram no momento da escrita?

Em certo ponto do questionário, os pesquisadores foram questionados sobre qual linguagem consideravam ideal para um texto acadêmico. A maioria respondeu que considera ideal uma linguagem objetiva e direta (81,4%) e clara (74,6%). Além disso, nenhum pesquisador respondeu que considera a linguagem rebuscada ideal para um texto acadêmico.

1) Que tipo de linguagem você considera ideal para um texto acadêmico? (Selecione até 3 opções)

59 respostas

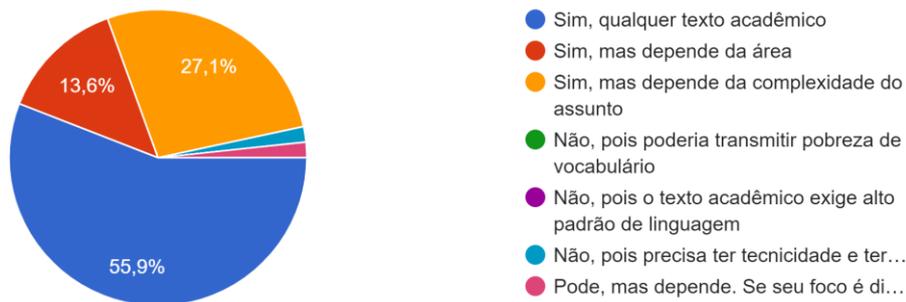


Esses resultados são particulares da área de Comunicação? Ou poderiam mudar se a pesquisa fosse feita com pesquisadores de outras áreas? É uma provocação que fazemos como ideia para outros trabalhos.

Além disso, a maioria dos pesquisadores (55,9%) acredita que qualquer texto acadêmico pode ser escrito com uma linguagem mais simples e que facilite a compreensão para o leitor, independentemente da área do texto ou da complexidade do assunto, por exemplo.

3) Você acredita que textos acadêmicos podem ser escritos com uma linguagem mais simples e que facilite a compreensão para o leitor?

59 respostas



Por que, então, muitos pesquisadores na prática não buscam escrever de forma objetiva, direta, clara e simples? Por que, muitas vezes, encontramos textos rebuscados, se nenhum pesquisador dessa amostra considera essa a linguagem ideal? É um questionamento que consideramos essencial para o diagnóstico do nosso trabalho.

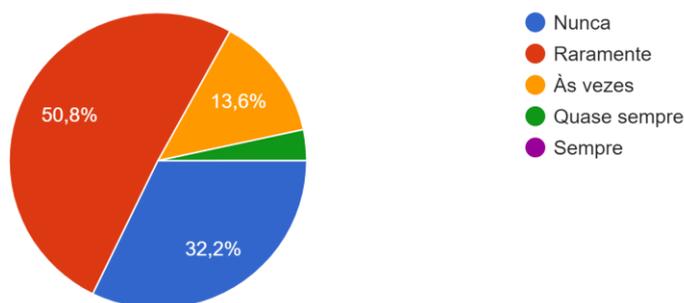
Na *survey*, pesquisadores também indicaram quais eram as suas referências de bom texto acadêmico, tanto autores, quanto obras específicas. Essas indicações foram incorporadas para complementar o conteúdo do Guia. Porém, as indicações que correspondiam a professores e/ou alunos da pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da (UnB) não foram incorporadas. Entendemos que, como este é o principal público-alvo do produto, seria injusto com aqueles que não foram indicados como referências de bons textos acadêmicos.

Sobre as questões que colocamos na *survey* para nos ajudar a elaborar o produto e entendermos melhor o cenário no qual estávamos nos colocando, existia uma pergunta no questionário sobre com qual frequência os pesquisadores participavam de disciplinas ou cursos/workshops que abordam escrita acadêmica.

A maioria respondeu que raramente participa (50,8%) ou nunca participa (32,2%). Seria, então, a escrita acadêmica pouco abordada na academia? Além disso, será que pesquisadores são pouco estimulados a aprimorarem a sua escrita?

1) Com que frequência você participa de disciplinas ou cursos/workshops que abordam escrita acadêmica?

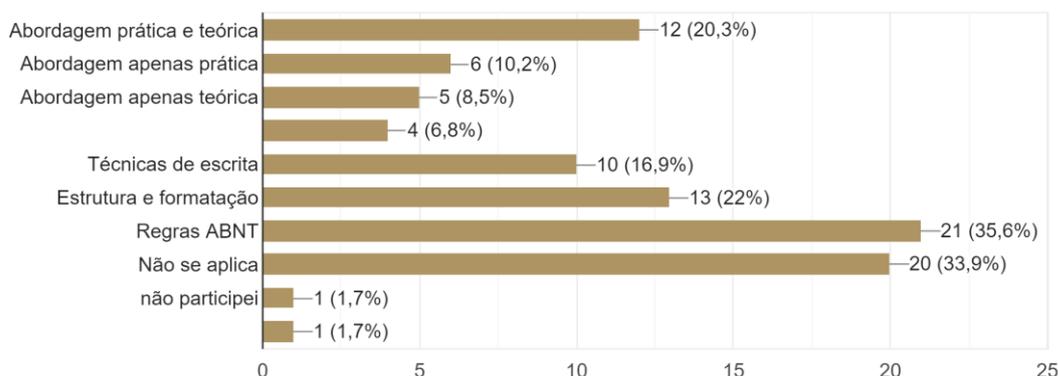
59 respostas



Para quem já participou, a maioria (35,5%) respondeu que a escrita acadêmica era abordada, principalmente, com relação às regras da ABNT. Por outro lado, a minoria (6,8%) apontou que as disciplinas, cursos ou workshops abordavam a linguagem de textos acadêmicos. Isso reforça o diferencial do nosso produto no cenário de escrita acadêmica dentro da própria Academia, pois focamos na linguagem de textos acadêmicos.

2) Se já participou, como a escrita acadêmica foi abordada?

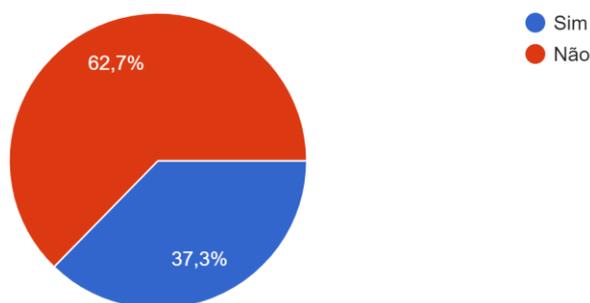
59 respostas



Além disso, o nosso produto será novo para a maioria dos pesquisadores. Afinal, 62,2% responderam que ainda não leram e nem tiveram contato com guias de escrita para textos acadêmicos.

3) Você já leu ou teve contato com algum guia de escrita de textos acadêmicos?

59 respostas



Para aqueles que já leram ou tiveram contato, pedimos para indicarem quais, para que pudéssemos, também, incluir no nosso guia, como outras referências para o nosso público. Nesse processo, optamos por não incluir aquelas indicações relacionadas à ABNT, pois entendemos que não têm relação com o nosso produto.

Agora, um dos dados mais importantes, que nos ajudaram de forma prática na construção do nosso guia, foram as respostas sobre o que os pesquisadores consideravam essencial em um guia de escrita acadêmica, ou o que gostariam que fosse abordado/existisse em um.

Das palavras mais citadas pelos pesquisadores, vale destacar:

- escrita/escrever
- texto
- acadêmico/acadêmica
- clara/clareza
- linguagem
- estrutura
- exemplos
- técnicas

- “Na verdade, acredito que não deveria existir guia, mas liberdade para os pesquisadores usarem sua própria escrita. Desde que o foco seja compartilhar um conhecimento e conteúdo de qualidade.”
- “Não acho que um guia de escrita acadêmica seja sequer importante. Precisamos abolir completamente a necessidade de ‘escrita acadêmica’ e primar pela clareza e objetividade textual, sem abandonar as regras de citação de outros atores e rigor acadêmico da investigação. Creio que um guia pioraria um cenário que já é ruim: textos incompreensíveis, maçantes e exagerados que nem quem é da área entende.”
- “Eu não gosto de guias de textos acadêmicos: cada um escreve como pulso as ideias e os sentimentos.”
- “Cada caso é um caso. Para cada área um formato estabelecido, para cada propósito um formato. Não há regra, há escolhas e argumentações de acordo com o escopo de quem escreve.”
- Por fim, na parte da pesquisa em que questionávamos se o/a pesquisador(a) desejava receber o nosso guia, uma das respostas foi: “Não obrigado... Cada um que crie o seu! Faz parte do pesquisar! Boa pesquisa!”

Com essas respostas, sentimos a necessidade de nos posicionar frente a isso no nosso produto. E que esse posicionamento também se refletisse no nome.

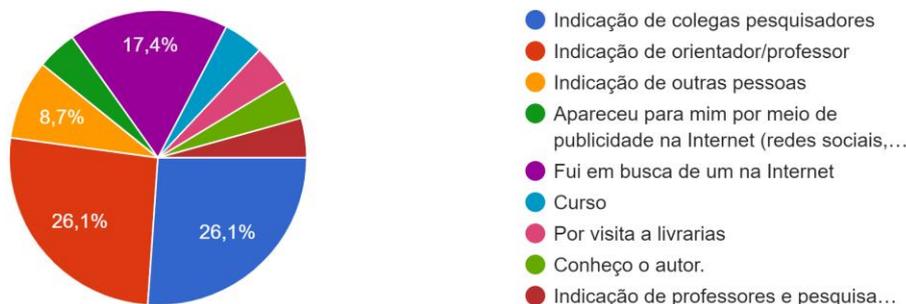
Portando, o “Vamos ser claros?” indica um convite, uma sugestão para os pesquisadores. Esse título também reflete o nosso posicionamento de que o nosso guia seja uma proposta, uma maneira, dentre tantas outras existentes, não uma imposição, uma regra ou o único caminho a ser seguido para escrita de textos acadêmicos.

Por fim, alguns resultados específicos da *survey* com pesquisadores são úteis para traçar uma estratégia de divulgação. Para que possamos entender quais os melhores caminhos para que nosso produto chegue ao nosso público.

A maioria dos pesquisadores respondeu que chegou a um guia de escrita acadêmica por indicação, seja de orientador/professor (26,1%) ou de colegas pesquisadores (26,1%). Isso sugere que o estímulo à indicação ou compartilhamento é essencial para que o nosso produto chegue ao nosso público.

5) Se sim, como chegou até ele?

23 respostas



Além disso, ao final do questionário, os pesquisadores que desejavam receber o nosso guia poderiam deixar os seus e-mails. Foram coletados 32 e-mails, que formam uma base já interessada no nosso material, para a qual poderemos enviar o nosso material pronto sem problemas ou resistências. É uma maior garantia de público.

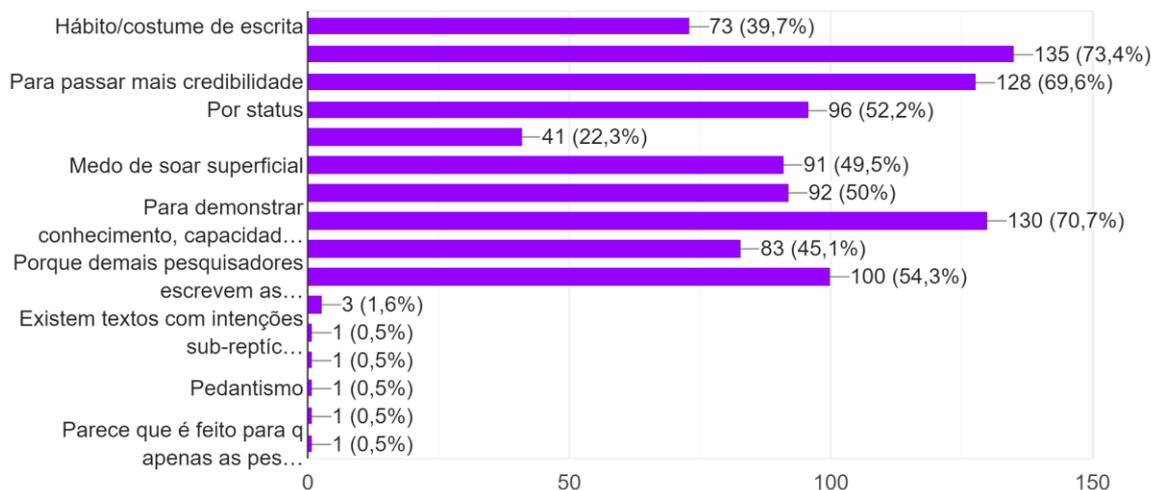
7.3.3 Comparativo entre a *survey* para estudantes e a *survey* para pesquisadores

Algumas perguntas estavam presentes tanto na *survey* para estudantes, quanto na *survey* para pesquisadores.

Uma delas era para entender melhor o cenário do tema do nosso trabalho: por que achavam que alguns pesquisadores que escreviam seus textos acadêmicos de forma mais rebuscada? Os três motivos principais apontados pelos estudantes foram: exigência do gênero acadêmico (73,4%); para demonstrar conhecimento, capacidade intelectual e especialidade na área (70,7%); e para passar mais credibilidade (69,6%). A minoria dos estudantes (22,3%) considera que é pela complexidade do assunto abordado.

4) Por que você acha que alguns pesquisadores escrevem seus textos acadêmicos de forma mais rebuscada? (Pode selecionar mais de uma opção)

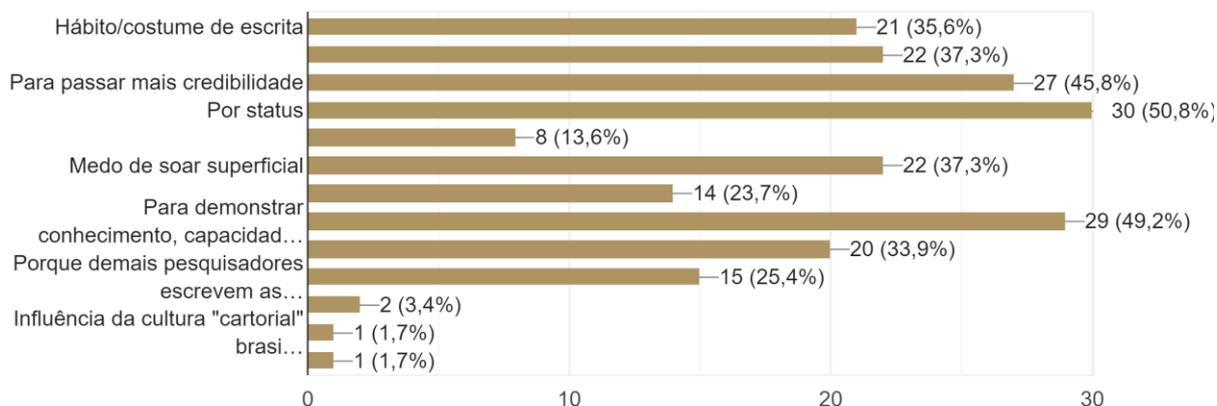
184 respostas



Por outro lado, os motivos apontados pelos pesquisadores indicam que, para eles, alguns acadêmicos escrevem textos mais rebuscados por uma preocupação com suas imagens na Academia. Isso porque os três principais motivos apontados foram: *status* (58,8%); para demonstrar conhecimento, capacidade intelectual e especialidade na área (49,2%); e para passar mais credibilidade (45,8%).

2) Por que você acha que alguns pesquisadores escrevem seus textos acadêmicos de forma mais rebuscada? (Pode selecionar mais de uma opção)

59 respostas



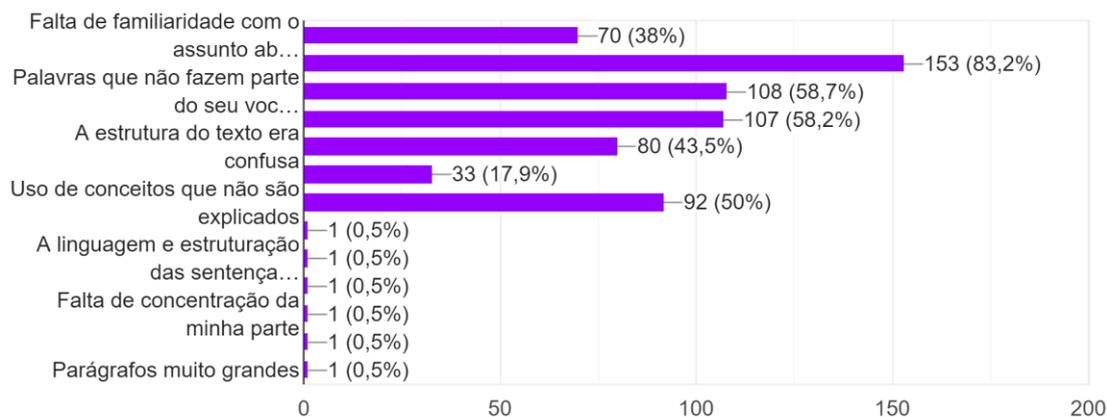
Além disso, algumas respostas abertas merecem destaque. Um estudante, por exemplo, colocou que textos acadêmicos parecem ser feitos “para que apenas as pessoas que já compreendem o assunto entendam”. Já um pesquisador(a) apontou que muitos pesquisadores estão tão envolvidos em suas pesquisas que, em alguns casos, não percebem a importância de simplificar o texto para divulgar seus trabalhos.

Outro dado presente em ambas as *surveys* e que nos ajudou tanto no entendimento do tema, quanto na construção do produto, foram quais as dificuldades que estudantes e pesquisadores apresentam para entender textos acadêmicos. Esse dado foi útil para que, por exemplo, pudéssemos verificar se as recomendações, técnicas e dicas de Linguagem Simples e *UX Writing* que indicamos no guia poderiam minimizar essas dificuldades.

Para a maioria dos estudantes, as principais dificuldades são: linguagem excessivamente formal (83,2%); presença de palavras que não fazem parte dos seus vocabulários (58,7%); exigência de repertório de leituras que não possuem (58,2%); e uso de conceitos que não eram explicados (50%).

1) O que dificultava o seu entendimento de textos acadêmicos durante a graduação? (Pode selecionar mais de uma opção)

184 respostas

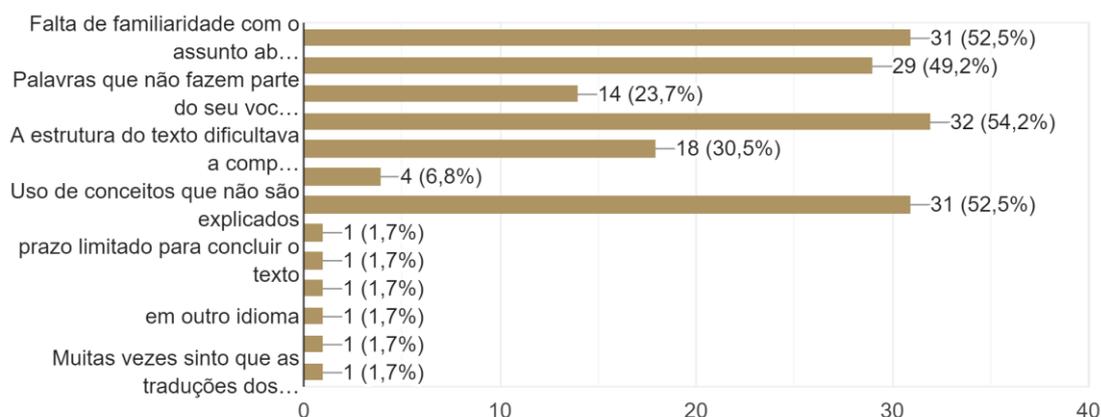


Uma resposta aberta também merece destaque, pois nela um estudante colocou que tinha dificuldade para entender textos acadêmicos por falta de concentração. Isso reforça a ideia de que o entendimento do texto acadêmico não depende somente de quem escreve. Por mais que uma escrita seja clara, por exemplo, e busque facilitar a compreensão, isso não garante que quem vai ler entenderá.

Já os pesquisadores apontaram como principais dificuldades: a exigência de repertório de leituras que não possuem (54,2%); a falta de familiaridade com o assunto abordado (52,5%); o uso de conceitos que não são explicados (52,5%); e a linguagem excessivamente formal (49,2%).

2) Se teve dificuldade em algum momento, por que acha que isso aconteceu? (Pode selecionar mais de uma opção)

59 respostas



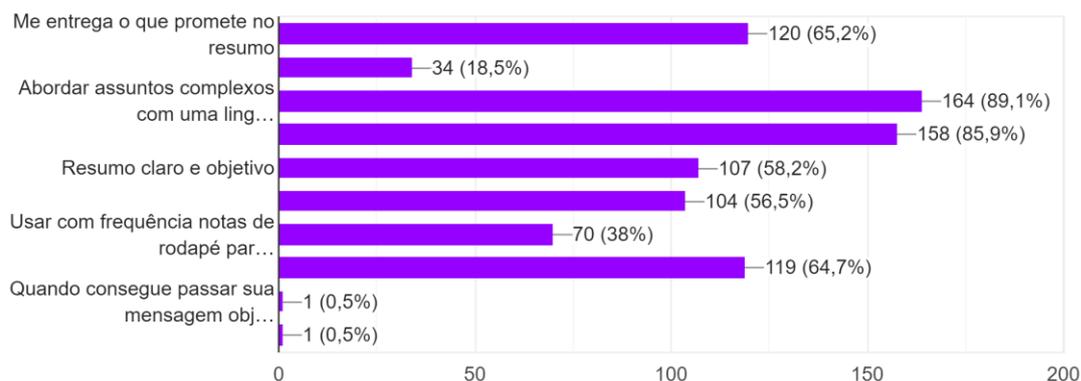
Portanto, as dificuldades apontadas por estudantes de graduação e por pesquisadores de pós-graduação são semelhantes. Sendo assim, é possível afirmar que os pontos que dificultam o entendimento de textos acadêmicos, dentro da própria Academia, são os mesmos, independentemente do nível de graduação ou instrução do leitor. A familiaridade e experiência do leitor com o texto e a linguagem acadêmica também não interferem.

Além disso, para ambos os públicos, o esforço que o escritor faz para facilitar o entendimento de quem lê o seu texto é um dos principais pontos para que considerem um texto acadêmico bom ou não.

Para estudantes, por exemplo, um bom texto acadêmico é aquele que aborda assuntos complexos com uma linguagem simples (89,1%) e possui uma estrutura que favorece a compreensão do texto (85,9%).

5) Quais características você atribui a um bom texto acadêmico? (Pode selecionar mais de uma opção)

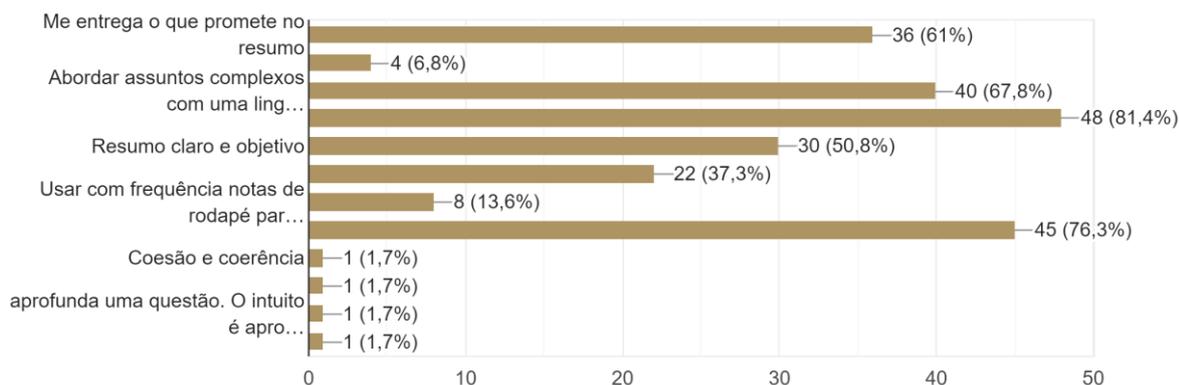
184 respostas



Para pesquisadores, essas respostas também estão entre as principais, mudando a porcentagem: aborda assuntos complexos com uma linguagem simples (67,8%); possui uma estrutura que favorece a compreensão do texto (81,4%).

3) Quais características você atribui a um bom texto acadêmico? (Pode selecionar mais de uma opção)

59 respostas



Esses dados também foram incluídos no Guia, pois indicam o que alguns dos principais leitores de textos acadêmicos - estudantes de graduação e pesquisadores da pós-graduação - esperam de um bom conteúdo. Assim, pesquisadores podem direcionar melhor seus textos para atender a essas expectativas.

7.3.4 Da entrevista com Bruno Rodrigues

Uma das grandes colaborações que Bruno Rodrigues deixou para o nosso trabalho foi, justamente, a opinião de um especialista sobre a possibilidade de aplicação do *UX Writing* em textos acadêmicos e artigos científicos. Para o profissional, a técnica pode ser aplicada sim nesse tipo de texto. Um dos caminhos é o foco na organização e hierarquia de informações para orientar o leitor sobre onde está o que ele busca.

E, como o próprio entrevistado conta, ele mesmo aplica essas técnicas nos textos acadêmicos que já escreveu. Talvez isso ocorra pelo fato de ele já ter automatizado as técnicas de *UX Writing* na sua escrita. Ele mesmo disse: “Eu fui buscar o *UX Writing* exatamente porque percebi que minha comunicação precisava ser muito mais orientadora.”

Porém, nesse sentido, Bruno Rodrigues também alerta para um aspecto específico do seu texto acadêmico: o seu mestrado, por exemplo, foi um mestrado profissional que resultou em um livro sobre boas práticas de *UX Writing*. Ele explica que o objetivo do trabalho era atender tanto o acadêmico, quanto o profissional de mercado. Para isso, ele trouxe, ao mesmo tempo, teoria e técnica. Segundo ele, isso pode ter contribuído para que o seu texto fosse mais aceito na Academia.

Além disso, Bruno Rodrigues aponta que o fato de já ser conhecido e possuir influência tanto na área acadêmica, quanto no mercado de comunicação também pode ter colaborado para o trabalho ser mais aceito pela universidade onde defendeu o mestrado.

Seria, então, a linguagem simples mais aceita em mestrados profissionais que em mestrados acadêmicos? É uma questão que levantamos como outro caminho de pesquisa.

De qualquer forma, ele também ressalta o quanto um texto escrito de maneira mais simples e que facilite o entendimento é valorizado na Academia. A dissertação que ele mesmo produziu foi elogiada pelos integrantes da banca examinadora.

Por outro lado, durante a entrevista, Bruno também destacou aspectos do *UX Writing* que não são passíveis de aplicação em textos acadêmicos. São algumas limitações das quais precisamos ter consciência para escrever nosso próprio texto.

Por exemplo, a essência do *UX Writing* de estudar o vocabulário do público para construção do texto e a necessidade de identificar que termo ou expressão mais causa a dificuldade de compreensão na estrutura do texto.

Além disso, Bruno Rodrigues também apontou possíveis origens e motivos para a existência de textos mais rebuscados na Academia. Para ele, isso vem de uma necessidade histórica da universidade em se preservar. Além disso, também está ligado à tradição, ao ego e ao status de acadêmicos, e também à evolução da complexidade do conhecimento.

O profissional também acredita que alguns pesquisadores optam por uma linguagem mais rebuscada em seus textos porque pensam que isso irá elevar o nível da discussão. Outros fazem isso, simplesmente, para aparecer.

Porém, também existem pesquisadores que têm ido no caminho contrário de uma linguagem rebuscada. E, segundo Bruno Rodrigues, fazem isso por uma necessidade de alcançar novas audiências e ser lido por mais pessoas.

Bruno também reforça que o principal objetivo de um escritor é ser compreendido por quem o lê. Nesse sentido, ele próprio ressalta o quanto isso é importante, colocando-se no lugar de leitor e consumidor de textos acadêmicos ainda hoje.

Quando falamos sobre a Linguagem Simples ser outra técnica que também estávamos estudando para aplicar em textos acadêmicos, Bruno nos alertou sobre alguns pontos para tomarmos mais cuidado ao abordar. Por exemplo, o cuidado de não tratar a escrita simples como o correto, com ar de superioridade.

Além disso, próprio autor considera que uma escrita simples, por si só, não garante o entendimento. Às vezes, a ideia do texto é simplesmente mais complexa de entender. Como exemplo, ele cita aqueles textos em que é necessário ler mais de uma vez para entender. E, para Bruno Rodrigues, isso não necessariamente tem relação com uma má escrita. Pode ser,

simplesmente, porque a ideia é complexa de entender ou, como já foi mencionado, por se tratar de um assunto novo.

7.3.5 Da entrevista com Heloisa Fischer

Com essa entrevista, também conseguimos a opinião e o direcionamento de uma especialista em Linguagem Simples sobre a possível aplicação da técnica em textos acadêmicos. Para Heloisa Fischer, é possível aplicar algumas recomendações na escrita acadêmica. Elas envolvem, principalmente:

- objetividade do texto;
- apresentação da informação para o leitor, como o uso de tópicos e listas;
- escolha de palavras, com preferência para termos familiares, não jargões, além de palavras menores no lugar de termos grandes;
- explicação termos específicos da área, siglas e abreviaturas, quando utilizados;
- estrutura, construção e tamanho de frases e parágrafos, com preferência para parágrafos menores e frases curtas – com no máximo 30 palavras por frase e máximo de 5 palavras antes do verbo principal –, uso de voz ativa e ordem direta, além de verbos no lugar de substantivos;
- realização de teste de compreensão, pedindo para outra pessoa ler e marcar o que não entendeu.

Além dessas questões, a autora também alerta que escrever em Linguagem Simples não é apenas sobre escrita. É também sobre organização da informação e do pensamento no texto. Heloisa Fischer não tem uma técnica sistematizada para isso, mas conta como faz.

Ela escreve no papel quais assuntos, tópicos ou ideias quer abordar numa parte do seu texto acadêmico. Em seguida, faz diferentes combinações de ordem dos assuntos e decide qual a sequência faz mais sentido.

Um exemplo de que é possível aplicar técnicas de Linguagem Simples em textos acadêmicos é sua própria dissertação de mestrado. Ela explica como aplicou as técnicas no próprio texto, mesmo que num processo quase automático.

A autora se preocupa, por exemplo, em evitar frases com mais de 30 palavras, utilizar sempre a ordem direta, substituir palavras grandes por menores e deixar, no máximo, 5 palavras antes do verbo principal de uma frase. No entanto, ela também ressalta que não se sente na obrigação de escrever uma dissertação em Linguagem Simples.

Uma dúvida que tínhamos era: como saber se as técnicas de Linguagem Simples realmente deixariam o texto acadêmico mais compreensível? Heloisa indica utilizar ferramentas que medem a dificuldade de leitura de um texto, como a Coh-Metrix-Port 3.0. Ela mede, por exemplo, a coerência e o número de palavras por frase. Essa ferramenta foi indicada no nosso guia, para que pesquisadores soubessem se o texto deles está ou não mais compreensível, após aplicar as técnicas.

Além disso, Heloisa também deu um exemplo de que a Linguagem Simples funciona no dia a dia do mercado de trabalho. Que a técnica traz resultados. De acordo com a autora, um estudo da GE – Aviação, publicado em português, na revista *Harvard Business Review*, comprovou que o uso da Linguagem Simples na redação de contratos reduziu em 60% o tempo de negociação.

A partir de algumas respostas de Heloisa, durante a entrevista, é possível identificar possíveis resistências que pesquisadores podem ter sobre o uso da Linguagem Simples em textos acadêmicos. É importante considerarmos isso pois, no nosso guia, buscamos aliviar essas resistências.

No seu trabalho, Heloisa já recebeu alguns retornos que demonstram receio com a técnica, como o medo de perder informações ao simplificar a linguagem ou a ideia de que *escrever simples é ser simplório*. Ou, ainda, que não é quem escreve que deve simplificar a linguagem, mas sim quem lê que precisa elevar o seu vocabulário.

Ela cita uma situação que aconteceu enquanto palestrava *on-line* para servidores de um tribunal trabalhista. Heloisa abordava a Linguagem Simples quando recebeu no *chat* a seguinte mensagem de uma juíza: “olha, acho um absurdo eu ser obrigada a empobrecer o meu texto porque a população não consegue ler”.

Para ajudar a minimizar essas possíveis resistências, Heloisa nos deu algumas ideias. É importante dar exemplos da aplicação prática das técnicas de Linguagem Simples para que os pesquisadores vejam que não perdem informações, por exemplo. Além disso, deve-se abordar

não como uma forma de simplificar o texto, mas como algo que irá ajudar os pesquisadores a identificar pontos em suas escritas que podem dificultar o entendimento de quem lê.

Outros pontos que podem ajudar também a reduzir essas resistências é apresentar aos pesquisadores as vantagens do uso da Linguagem Simples nos seus textos. E essa aplicação é benéfica, inclusive, para eles próprios. Afinal, textos fáceis de compreender, como explica Heloisa:

- possuem mais impacto na Academia e são citados por mais pessoas, como comprova o estudo já citado de Freeling, Doubleday e Connell (2019). Eles identificaram que os trabalhos mais citados e que tinham maior influência, eram mais simples e claros;
- tornam a leitura mais rápida, o que faz a diferença para quem precisa ler muito texto acadêmico no dia a dia, como pesquisadores; e, ainda,
- podem ser elogiados, em princípio, por bancas e outros avaliadores próximos, pela facilidade de compreensão.

Por outro lado, também existem desvantagens no uso da Linguagem Simples. E, para Heloisa Fischer, uma das principais é o fato de que *escrever simples* não é simples. Inclusive, demanda mais esforço e tempo. Para a sua dissertação, por exemplo, ela conta que demorou o dobro ou triplo do tempo por buscar *escrever simples*. Porém, as vantagens podem até superar as desvantagens. “Demora muito para você fazer, mas é uma garantia de que você vai ter mais leitores”, defende.

Outro fator importante que ela traz é sobre qual é o público do texto acadêmico. Por mais que o intuito seja ser lido por mais pessoas, na prática, isso não acontece. A realidade é que, geralmente, textos acadêmicos são lidos apenas pela banca avaliadora. E, se considerar isso, está tudo bem utilizar termos e linguajar específicos da área, já que o pesquisador se comunicará com pares que conhecem essa linguagem.

Porém, se o que o pesquisador quer é chegar a mais pessoas e que seu trabalho seja mais lido, é necessária uma preocupação com a linguagem empregada no texto.

Durante a entrevista, a profissional também apontou alguns possíveis motivos para que muitos pesquisadores escrevam textos rebuscados e mais difíceis de compreender. Um deles são os aspectos próprios do texto acadêmico, como a necessidade de relacionar a ideia de vários autores diferentes. Isso facilita com que os pesquisadores se percam no próprio texto.

Além disso, a escrita acadêmica rebuscada também pode vir de até mesmo antes da universidade. No ensino médio, por exemplo, aprendemos que a linguagem rebuscada é valorizada para o ENEM ou vestibulares, que são justamente algumas das principais formas de ingresso na universidade. No entanto, entendemos que utilizar uma linguagem rebuscada não significa, muitas vezes, ter domínio sobre o assunto abordado. As palavras difíceis podem ser empregadas apenas para impressionar o leitor.

Além do porquê de muitos pesquisadores escrevem de forma rebuscada, também é importante considerar o que pode dificultar o entendimento. Para Heloisa Fischer, isso está relacionado tanto ao processamento da informação no cérebro, quanto ao conteúdo, ideia ou pensamento abordados no texto, à organização das informações e, até mesmo, com o esforço do leitor para compreender o que está sendo dito.

Pensamentos e palavras abstratas utilizados no texto acadêmico, por exemplo, demoram mais para serem processados no cérebro. Além disso, esse tipo de texto não vem “mastigado”, como os conteúdos digitais que a nossa geração está acostumada a consumir. É preciso se esforçar para entender e, assim, aprender com o texto acadêmico.

É preciso considerar também a habilidade leitora de quem lê o texto acadêmico. Heloisa Fischer cita um dado Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) como referência. O resultado indica que mais da metade dos estudantes brasileiros (50,1%) saem do ensino médio sem capacidade para entender textos mais extensos, complexos, não-familiares ou que podem ser utilizados para adquirir conhecimento, justamente características comuns de textos acadêmicos.

Da mesma forma que Bruno Rodrigues colocou o que achava sobre a aplicação da Linguagem Simples em textos acadêmicos, Heloisa Fischer também deu a sua opinião sobre o uso do *UX Writing*. Para ela, existem algumas limitações, que também foram as mesmas apontadas por Bruno, como a necessidade de conhecer o universo semântico do público do texto acadêmico.

Além disso, ela também destaca como limitação a linearidade do texto acadêmico, a falta de estudos de padrões de leitura para esse texto e o fato de que o *UX Writing* serve para levar um usuário a fazer uma tarefa específica dentro da interface. Como isso se aplicaria em textos acadêmicos?

7.4 Planejamento e cronograma

Todo o trabalho foi realizado e concluído em, em média, 4 meses (de 15/01/2021, data da primeira orientação, a 04/05/2021, data da entrega do trabalho para a banca avaliadora).

A conclusão foi possível graças a um planejamento de ações e entregas, com prazos bem definidos. Segue, abaixo, calendário de realização deste Trabalho de Conclusão de Curso:

7.4.1 Resumo

- Leituras e busca por referencial teórico: até 18/02
- Realização das *surveys* e entrevistas: 19/02 até 04/04
- Construção do produto/memorial: 05/04 até 18/04
- Revisão orientador: 19/04 até 25/04
- Ajustes e finalização: 26/04 a 04/05

7.4.2 Planejamento completo:

Etapas/mês	Ações	Prazo
Leituras (fevereiro)	Finalizar leituras de referências ainda pendentes	até 17/02 (quarta)
	Criação de docs com fichamentos	até 18/02 (quinta)
Realização das surveys e entrevistas (fevereiro, março e abril)	Entrevista com Bruno Rodrigues	até 26/02 (sexta)
	Entrevista com Heloísa Fischer	até 16/03 (terça)
	Soltar survey pesquisadores pós-graduação	até 16/03 (terça)
	Soltar survey estudantes de comunicação	até 16/03 (terça)
	Finalizar transcrição das entrevistas	até 26/03 (sexta)
	Fechar surveys	até 31/03 (quarta)
	Análise de dados	até 04/04 (domingo)
Construção do Produto (abril)	Reunião de referências e definição das recomendações do guia	até 07/04 (quarta)
	Escrita	até 11/04 (domingo)
	Revisão escrita	até 13/04 (terça)
	Design e diagramação	até 17/04 (sábado)
	Revisão guia pronto	até 18/04 (domingo)
Construção do Memorial (abril)	Estruturação e planejamento de tópicos	até 06/04 (terça)
	Seleção de citações e referências	até 09/04 (sexta)
	Escrita	até 17/04 (sábado)
	Revisão	até 18/04 (domingo)
Revisão orientador (abril)	Encaminhar produto e memorial para orientador	19/04 (segunda)
	Devolutiva do produto e memorial pelo orientador	até 26/04 (segunda)
Ajustes e finalização (abril)	Fazer alterações necessárias e enviar cópia para banca	até 04/05 (terça)

7.5 Formato

O formato escolhido para o Guia é o de um *e-book* (livro digital), para ser lido na horizontal.

Escolhemos um *e-book*, principalmente, pelo baixo custo e pela facilidade de circulação on-line. E isso, no contexto da pandemia da Covid-19 no qual o trabalho foi realizado, torna-se ainda mais apropriado. Afinal, há o risco de contaminação do vírus por superfícies impressas e consumir materiais digitais pode ser mais seguro.

Sendo assim, um guia em formato digital, um *e-book*, era uma opção que se adaptava bem a esse cenário.

Escolhemos, também, que o guia fosse em formato horizontal pois acreditamos que, dessa forma, o material se adapta melhor às telas de computadores, notebooks, tablets, celulares

e outros dispositivos móveis. O formato horizontal facilita a leitura e o consumo do conteúdo digitalmente.

Além disso, determinamos a estrutura do guia e o que estaria presente nele com base nos resultados das *surveys* e entrevistas. O foco foi estabelecer uma hierarquia de informação de acordo com as expectativas do público sobre o produto, organizando os tópicos a partir do que era mais importante para ele.

A estrutura final do guia ficou desta forma:

- **Introdução: o que você pode esperar deste guia?**
Contém explicação sobre o que é o guia, sua proposta e o que contém, deixando claro como ele irá ser útil para os pesquisadores.
- **Este guia vai abordar ABNT?**
Entendemos que esta é uma grande expectativa do público sobre guias de escrita acadêmica. Portanto, achamos necessário explicar, logo no início, o porquê de o nosso guia não abordar ABNT. Para satisfazer essa expectativa, foram indicadas referências para saber mais sobre ABNT, assim como ferramentas que otimizam a formatação de trabalhos.
- **Ao simplificar a linguagem do seu texto acadêmico, você corre risco de deixá-lo simplório, pobre ou até de perder informações?**
Como essas são possíveis resistências de pesquisadores ao uso da Linguagem Simples e da clareza em textos acadêmicos, buscamos diminuir essa resistência também no início. Para isso, foram desmistificadas essas resistências e apresentadas os benefícios de se escrever simples e claramente, inclusive para os próprios pesquisadores.
- **O que os seus leitores esperam do seu texto?**
Foram apresentados resultados e dados das *surveys* com os estudantes e pesquisadores, como as suas preferências para textos acadêmicos e a linguagem que consideram ideal.
- **Como você pode escrever seus textos acadêmicos para facilitar o entendimento do seu leitor?**
 - **Facilite o entendimento por meio da Linguagem**
Contém recomendações de Linguagem Simples, com base no direcionamento de Heloisa Fischer.
 - **Facilite o entendimento por meio da Estrutura**

Contém recomendações de *UX Writing*, com base no direcionamento de Bruno Rodrigues.

- Recomendações de acadêmicos que estudam o tema

Contém recomendações identificadas no referencial teórico.

- O que pesquisadores e pesquisadoras, seus colegas, recomendam

Contém recomendações identificadas nas respostas da *survey* com pesquisadores.

- Como é possível saber que o seu texto está mais compreensível?

Contém indicações de diferentes ferramentas on-line que analisam o nível de dificuldade de leitura de um texto.

- Referências de bons textos acadêmicos para pesquisadores e pesquisadoras

Contém recomendações identificadas nas respostas da *survey* com pesquisadores.

- Autores/Autoras
- Obras

- Considerações finais: qual será o próximo passo?

Estimula os pesquisadores a colocarem em prática as recomendações do guia e a se aprofundarem no tema. Para isso, foram recomendados os outros guias de escrita acadêmica que os pesquisadores indicaram que já haviam lido na *survey*.

- O que achou deste guia?

Essa parte estimula o *feedback* dos pesquisadores, para futuras melhorias no guia e o lançamento de outras edições, se necessário.

- Mais sobre este trabalho

Oferece mais detalhes sobre o que é este guia, como foi realizado metodologicamente e os responsáveis.

7.6 Identidade Visual

A identidade visual foi desenvolvida após análise de outras publicações. Primeiramente, foram selecionadas obras que possuem, em algum nível, semelhanças com este trabalho. Nesse sentido, foram levadas em consideração as seguintes características: conteúdo formatado exclusivamente para a visualização digital; caráter informativo e didático; e linguagem simples e concisa.

Partindo disso, identificamos elementos narrativos e visuais que facilitam o entendimento do texto. Esses aspectos vão desde a escolha da paleta de cores até os elementos gráficos que compõem a diagramação de cada página.

O objetivo principal para a escolha das cores foi oferecer conforto ao leitor, mas com tons vibrantes. A partir disso, tomamos algumas decisões: justapor e sobrepor cores sem efeitos de transição ou gradiente, criando uma sensação de campos visuais bem delimitados.

Outro fator que contribui para essa demarcação visual são as formas gráficas usadas ao longo de todo o *e-book*: círculos, fios, caixas de informação. Todas obedecem a um estilo geométrico, sem sombreados ou gradação de cor. A intenção é criar uma experiência menos burocrática e que proporcione simplicidade. Em termos de narrativa, são esses elementos que guiam o olhar do leitor de forma mais confortável.

Por fim, as fontes tipográficas selecionadas foram a Open Sans e Rohn Rounded Heavy. Ambas não possuem serifas ou ornamentos, o que facilita a leitura e proporciona descanso para o olhar do leitor. Dessa forma, o texto foi editado com largo espaçamento entre os caracteres e as linhas, de modo a não deixar as páginas sobrecarregadas de informações. Para evitar essa concentração em blocos de textos, palavras e frases foram realçadas por negrito e parágrafos foram destacados.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde as primeiras pesquisas para este trabalho, era claro o entendimento de que a Linguagem Simples e, em especial, o *UX Writing*, eram técnicas aplicadas em contextos muito diferentes do acadêmico. A primeira, para facilitar a comunicação de órgãos da Administração Pública com os cidadãos. E o *UX Writing*, em aplicativos utilizando palavras ou frases curtíssimas.

Mas acreditamos que é justamente esse espírito explorador e experimental que deve guiar os produtores de conhecimento na Academia. Apesar das limitações para aplicação da Linguagem Simples e do *UX Writing*, sobretudo a limitação mercadológica desse último, conseguimos selecionar e propor adaptações das técnicas. Assim, foi possível recomendar cuidados com linguagem e estrutura do texto acadêmico que poderão ser úteis de alguma maneira, no momento da elaboração desse material.

Não colocar muitas palavras antes do verbo principal da frase e quantas palavras colocar é uma dica que damos. Também explicamos por que uma sequência de substantivos pode tornar seu texto menos claro. Quanto à estrutura, que tal reforçar ao final de um capítulo, de maneira resumida, o que foi abordado nele? Ou indicar no início do seu texto quais leituras ou autores e autoras são interessantes que o leitor já conheça?

Entender que a escrita e compreensão de textos acadêmicos é uma questão discutida pela Academia e como esse debate ocorre foi parte dos nossos objetivos neste trabalho. E, com argumentos de autores e autoras referenciados, conseguimos apresentar um panorama acerca da discussão sobre o tema. Ter consciência de quais são as dificuldades para escrita e compreensão de textos acadêmicos dos nossos públicos-alvo, por meio dos resultados das *surveys* aplicadas, significou atender a outra parte dos nossos objetivos.

É importante reforçar que, apesar do trabalho ter abordado, principalmente, pontos negativos da escrita acadêmica rebuscada, existem pesquisadores(as) que se posicionam no caminho contrário. Escrevem textos claros, compreensíveis e que proporcionam uma boa leitura, como os indicados pelos nossos pesquisados como referências de bons textos acadêmicos.

Além disso, focamos no papel do(a) pesquisador(a) para facilitar o entendimento de quem lê seus textos acadêmicos. Porém, ressaltamos que a compreensão de um texto acadêmico não depende apenas do esforço de quem o escreve. Depende, também, do esforço de quem lê. É uma via de mão dupla.

Esclarecidos esses pontos, acreditamos que, com a elaboração do *Vamos ser claros? Guia para escrita de textos acadêmicos*, conseguimos atingir nosso objetivo principal de fornecer um material de consulta para os pós-graduandos em Comunicação, no momento de elaboração de textos acadêmicos. E o que nos é ainda melhor: com técnicas atuais e já discutidas na área de Comunicação.

Para além disso, poder expandir as possibilidades de uso da Linguagem Simples e do *UX Writing* fora do mercado de comunicação e tecnologia foi desafiador e um aprendizado satisfatório. Não esperamos que essa expansão termine aqui.

Com este trabalho, esperamos ter fortalecido o debate sobre escrita e compreensão de textos acadêmicos. Nossa expectativa é que essa discussão continue e seja sempre aprimorada com o foco na clareza e objetividade dos trabalhos, para além da área de Comunicação. Desejamos e estimularemos que mais pesquisas sobre o tema sejam exploradas e que novas possibilidades de aperfeiçoamento das produções acadêmicas sejam desenvolvidas a partir inclusive de questionamentos que deixamos em aberto.

REFERÊNCIAS

- BECKER, H. S. **Truques da escrita – para começar e terminar teses, livros e artigos**. São Francisco (EUA): Zahar, 2015.
- BRAGA, J. L. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**. n. 58, p. 62-77, 2011.
- BRAGA, J. L. Interação como contexto da Comunicação. **Matrizes**. n. 1, p. 25-41, 2012.
- BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, [S.L.], v. 15, n, p. 1-12, 16 dez. 2010.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- FIGUEIREDO, D. C.; BONINI, A. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita. **Linguagem em (Dis)curso**. n .3, p. 413-446, 2006.
- FINATTO, M. J. B.; EVERS, A.; STEFANI, M. Letramento científico e simplificação textual: o papel do tradutor no acesso ao conhecimento científico. **Letras, Santa Maria**. n. 52, p. 135-158, 2016.
- FISCHER, Heloísa. Entrevista concedida a Daniel Dias e Lucas Ludgero. 16 mar. 2021. [O roteiro desta entrevista encontra-se nos Anexos deste memorial].
- FREELING, B.; DOUBLEDAY, Z. A.; CONNELL, S. D. *How can we boost the impact of publications? Try better writing*. **PNAS**. n. 2, p. 341-343, 2019.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em Leitura, Matemática e Ciências no Brasil*. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>>. Acesso em: 18 de abr. de 2021.
- JUNIOR, D. M. A. De Amadores a Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. **Trajetos – Revista de História UFC**. n. 6, p. 43-66, 2005.
- LEITE, T. S. Entre o letramento acadêmico e a monitoria: um relato de experiência. In: DEOLINDO, J. S. (organizadora). **Produção Textual na Universidade: Práticas Laboratoriais**. Campos dos Goytacazes: EdUENF, 2019.

MARINHO, M. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. n. 2, p. 363-386, 2010.

MORETTO, M. Tentativas de apropriação da linguagem acadêmica por estudantes universitários: a produção escrita na universidade. **Comunicações**. n. 1, p. 171-186, 2017.

PEREIRA, M. V. A escrita acadêmica – do excessivo ao razoável. **Revista Brasileira de Educação**. n. 52, p. 213-244, 2013.

PINKER, S. *Why Academics Stink at Writing*. **The Chronicle of Higher Education**. Disponível em: <<https://learning.hccs.edu/faculty/duncan.hasell/eng11302/academic-writing/Why%20Academics%20Writing%20Stinks%20-%20The%20Chronicle%20of%20Higher%20Education.pdf/view>>. Acesso em: 18 de abr. de 2021.

PINTO, M. G. L. C. **A escrita. O papel da universidade na sua otimização**. Porto (Portugal): Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014.

PIRES, H. F. M. **Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania**: Subsídios do Movimento Mundial pela Linguagem Clara para facilitar a compreensão de textos que orientam cidadãos brasileiros em ambientes de governo eletrônico. Monografia (Especialização em Cultura do Consumo) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, 2017.

PODMAJERSKY, T. **Redação estratégica para UX – aumente engajamento, diálogo e retenção com cada palavra**. São Paulo, SP: Novatec Editora Ltda, 2019.

RACTZ, B. S. **Derrubando a torre: o papel da revisão na acessibilidade de textos acadêmicos**. Monografia (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2019.

RODRIGUES, B. **Em busca de boas práticas de UX Writing**. Rio de Janeiro, RJ: Edição do autor, 2019.

RODRIGUES, Bruno. Entrevista concedida a Daniel Dias e Lucas Ludgero. 26 fev. 2021. [O roteiro desta entrevista encontra-se nos Anexos deste memorial].

SEVERINO, A. J. Educação e universidade: conhecimento e construção da cidadania. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. n. 10, p.117-124, 2002.

SOBRINHO, A., B.; GLAVEANU, V. P. *Creativity, Communicability and Organizational Culture: an Introduction to the Study of Hierarchy as Both a Facilitator and Constraint in Organizational Change*. **De Gruyter**. n. 2, p. 178-197, 2017.

SWORD, H. *Ask the professor about... Academic Style*. **MAI Review**. n. 3, p. 1-3, 2008.

SWORD, H. *Academic writing: how to stay afloat. The World University Rankings*. Disponível em: <<https://www.timeshighereducation.com/features/academic-writing-how-to-stay-afloat>> Acesso em: 18 de abr. de 2021.

SWORD, H. *Inoculating Against Jargonitis. The Chronicle of Higher Education*. Disponível em: <<https://www.chronicle.com/article/inoculating-against-jargonitis/>>. Acesso em: 18 de abr. de 2021.

SWORD, H. *The road to academic success is paved with stylish academic writing. The LSE Impact Blog*. Disponível em: <<https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2012/05/14/stylish-academic-writing/>> Acesso em: 18 de abr. de 2021.

SWORD, H. *Writing higher education differently: a manifesto on style. Studies in Higher Education*. n. 3, p. 319-336, 2009.

ANEXOS

Anexo A – Roteiro da entrevista com Bruno Rodrigues

Início: apresentação do projeto

- 1) Uma vez que já foi universitário e esteve inserido na Academia, já teve dificuldade para compreender algum texto acadêmico? Era comum? Isso incomodou você? Como foi? Como reagiu?
- 2) Como enxerga a relação dos estudantes de graduação com a linguagem acadêmica?
- 3) Você acha que os pesquisadores utilizam uma linguagem rebuscada? Se sim, acha que é por ser uma característica do gênero, padrão, regra, ou seria um recurso para não soar superficial, sem credibilidade?
- 4) Já encontrou textos rebuscados a ponto de você não conseguir compreender direito? Lembra de algum exemplo específico ou pelo menos de alguma área? Se era um texto de graduação ou de pós? Era antigo ou atual?
- 5) Quando você escreve seus trabalhos acadêmicos, que tipo de preocupação você tem com a linguagem empregada? E com o leitor?
- 6) No texto da sua dissertação, existe um trecho assim: “o objetivo é que a obra tenha a profundidade e a objetividade de um trabalho acadêmico, mas que seja ao mesmo tempo simples e fácil de ler”. Depois, em outra parte, você escreve assim: “e como este livro procura atender tanto o meio acadêmico como o profissional de mercado...”. Como é elaborar um texto que atende tanto ao mercado quanto à academia?
- 7) O texto acadêmico pode ser escrito de forma mais simples e que facilite a compreensão?
- 8) Você acredita que o UX Writing pode ser aplicado em textos acadêmicos? Mesmo que de forma adaptada?
- 9) Em caso de resposta negativa: nem mesmo os fundamentos das técnicas, como frases curtas, objetividade, parágrafos curtos, ir direto ao ponto, arquitetura da informação, uso de tabela, infográfico e uso de imagem?

10) No seu mestrado profissional, você aplicou técnicas de UX Writing?

12) Sobre os textos acadêmicos que escreveu, recebeu alguma crítica com relação à linguagem que utilizou? Positiva ou negativa? De onde veio - do mercado editorial, da comunicação, do meio acadêmico?

14) Você ainda costuma ler textos acadêmicos ou pesquisas científicas? Se sim, encontra algum tipo de dificuldade? Tem algum exemplo? Por quais canais tem acesso ao conhecimento científico?

15) Indicações de outras referências (pessoas ou conteúdos) na área que possam nos ajudar.

Anexo B – Roteiro da entrevista com Heloísa Fischer

Início: apresentação do projeto

1) Uma vez que já foi universitária e esteve inserida na Academia, já teve dificuldade para compreender algum texto acadêmico? Era comum? Isso incomodou você? Como foi? Como reagiu?

2) Como enxerga a relação dos estudantes de graduação com a linguagem acadêmica?

3) Você acha que os pesquisadores utilizam uma linguagem rebuscada? Se sim, acha que é por ser uma característica do gênero, padrão, regra, ou seria um recurso para não soar superficial, sem credibilidade?

4) Já encontrou textos rebuscados a ponto de você não conseguir compreender direito? Lembra de algum exemplo específico ou pelo menos de alguma área? Se era um texto de graduação ou de pós? Era antigo ou atual?

5) Quando você escreve seus trabalhos acadêmicos, que tipo de preocupação você tem com a linguagem empregada? E com o leitor?

6) Você escreveu o seu trabalho para a especialização e agora escreve para o mestrado, certo? Houve alguma diferença na linguagem que você escolheu utilizar para cada trabalho? Se sim, pode nos explicar como é esse processo?

- 7) O texto acadêmico pode ser escrito de forma mais simples e que facilite a compreensão?
- 8) Você acredita que a Linguagem Clara pode ser aplicada em textos acadêmicos?
- 9) Em caso de resposta negativa: nem mesmo os fundamentos das técnicas, como frases curtas, objetividade, parágrafos curtos, ir direto ao ponto, arquitetura da informação, uso de tabela, infográfico e uso de imagem?
- 10) E, voltando um pouco no seu mestrado agora, você está aplicando a sua proposta de Linguagem Clara no texto do mestrado?
- 11) Sobre esse mesmo ponto, eu queria lembrar uma fala sua em uma entrevista na Rádio PUC, para entrar em uma questão relacionada. Nessa entrevista, perguntaram a você que lugar a linguagem clara pode ocupar na escrita acadêmica. E você respondeu o seguinte: “Se considerarmos o conceito de comunidade científica como um grupo de pares que tratam de assuntos semelhantes, ou seja, todos de um mesmo círculo que dominam determinado tópico e trocam seus achados e questionamentos, então tudo bem usar jargão, termos técnicos e abstrações. Emissores e receptores falam a mesma língua e se entendem”. Porém, e quando a gente vê dificuldades de entendimento até mesmo dentro da própria comunidade científica?
- 12) O seu texto é fácil de compreender. Você utilizou técnicas da Linguagem Clara para a produção de textos acadêmicos? – talvez responda isso na questão 7, mas podemos continuar com a seguinte: Sobre os textos acadêmicos que escreveu, recebeu alguma crítica com relação à linguagem que utilizou? Positiva ou negativa? De onde veio - do mercado editorial, da comunicação, do meio acadêmico?
- 13) Há alguma forma de verificar ou provar a eficácia da linguagem clara em um texto? Por exemplo, se eu reescrevo um texto jurídico para deixá-lo mais simples, como sei que ele realmente ficou também mais simples e fácil de entender? Como você faz isso no seu trabalho?
- 14) Agora, a gente queria abordar um tópico específico. Como você enxerga a recepção da linguagem clara no geral, no mundo? Imaginamos que não deve ser tão simples, já que propõe uma mudança, certo? Existe alguma resistência? Se sim, por que?
- 15) Outra coisa: além da linguagem clara, a gente também está avaliando a possibilidade de utilizar o UX Writing como forma de tornar textos acadêmicos mais compreensíveis, claros.

Você conhece o UX Writing? Se sim, o que acha? Para a aplicação do UX Writing em textos acadêmicos, tem alguma visão sobre?

16) Você ainda costuma ler textos acadêmicos ou pesquisas científicas? Se sim, encontra algum tipo de dificuldade? Tem algum exemplo? Por quais canais tem acesso ao conhecimento científico?

17) Indicações de outras referências (pessoas ou conteúdos) na área que possam nos ajudar.